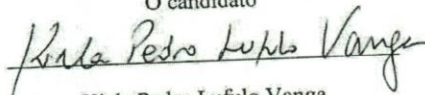


Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora
Teresa Araújo

DECLARAÇÕES

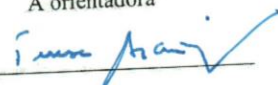
Declaro por minha honra que elaborei este trabalho fazendo o uso somente dos meus conhecimentos, da bibliografia que esteve ao meu alcance e das orientações da minha orientadora.

O candidato


Kiala Pedro Lufulo Vanga

Declaro que este trabalho está em condições de ser apresentado à prova pública perante um júri a indicar.

A orientadora


Professora Doutora Teresa Araújo

(Professora Associada com Agregação)

À minha mãe, Isabel Lumengo, in memoriam
meu amor de todas as hora

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida e pelas maravilhas que tem operado na minha vida e na dos meus.

À minha orientadora, Professora Doutora Teresa Araújo, pelos ensinamentos e sábia orientação!

Aos professores Gustavo Rubim, Paula Cristina Costa e Cecília Gonçalves Barreira, pelo acompanhamento académico que me proporcionaram ao longo da formação, bem como pela disponibilidade sempre demonstrada.

À minha esposa, Clotilde de Carvalho Fonseca, e aos filhos Zenaida, Jefté e Rafael, pela ajuda incomensurável.

Aos meus informantes.

Ao ilustre Professor Doutor Ima Panzo, Director Geral da Escola Superior Pedagógica do Bengo.

À doutora Edna Colsohl Neto, decana da Faculdade de Ciências Sociais e Económicas da Universidade de Belas.

Ao Engenheiro Domingos Katembo, Director Académico da Universidade de Belas.

Aos meus pais, pela dedicação, respeito e ensinamentos.

Ao Professores do ISCED de Luanda, Domingos Manaças.

À Escola Superior Pedagógica do Bengo.

Aos meus colegas e amigos: Diogo Cristóvão Sebastião, Flamino Francisco, Joaquim Martinho, Carlos Cabombo, Domingos Cambolo, Bernardo Sacanene, Serafim Muenho, Esperança Ferraz, Venâncio Domingos Sicana, Amélia dos Anjos Moreira Lima, José Alberto Kapoko, Augusta Eurico Chingalule e outros (pela amizade e ajuda incomensurável ao longo da formação).

“A cultura angolana é africana, é sobretudo angolana...

Desenvolver a cultura não significa submetê-la a outras”.

Agostinho Neto

PROVÉRBIOS BAKONGO DE RITUAIS DE ÓBITOS: RECOLHA, ESTUDO E APLICAÇÃO DIDÁCTICA

Kiala Pedro Lufulo Vanga

RESUMO

Tendo como problemática o não domínio dos provérbios de rituais de óbitos entre a camada juvenil do Bairro Palanca, propusemo-nos realizar o presente trabalho subordinado ao tema “*Provérbios Bakongo de Rituais de Óbito: Recolha, Estudo e Aplicação Didáctica*”. Aplicámos quatro tipos de técnicas para a recolha e estudo de provérbios: ficha de recolha, observação participante, entrevista e inquérito. Após o trabalho de recolha, procedemos a listagem bilíngue (kikongo-português) dos provérbios, bem como as circunstâncias da aplicação (o estudo) dos mesmos nas três cerimónias fúnebres realizadas pelos bakongo: velório, funeral e término do óbito.

Ao longo das nossas investigações, identificámos problemas de ordem etnolinguística dentro do grupo em estudo. Com vista a suprir os problemas linguísticos identificados, desvios à norma do português europeu, elaborámos, como proposta didáctica, um plano analítico. Outrossim, este plano faz também referência às causas da origem destes mesmos problemas. Relativamente aos problemas culturais, pelo esclarecimento dado pelos nossos informantes, compreendemos que são procedimentos culturais, e não problemas, praticados pelos bakongo ao longo dos rituais de óbito.

Por fim, propomos, de acordo com a nossa experiência no ensino de Português e a partir dos programas e manuais escolares de Língua Portuguesa do Ensino Primário, um projecto pedagógico denominado: PROBEA - Provérbios Bakongo: Ensino e Aprendizagem. Este projecto foi concebido com vista a capacitar os professores e estudantes que aderirem o projecto.

Palavras - chave: Provérbios Bakongo, Rituais de óbito, Projecto Pedagógico.

BAKONGO PROVERBS OF OBITUARY RITUALS: DATA COLLECTION, STUDY AND DIDACTIC APPLICATION

Kiala Pedro Lufulo Vanga

ABSTRACT

The problem of this study is the lack of understanding of obituary proverbs among juvenile people at Palanca neighborhood. We proposed to carry out the present subordinate work by the topic "*Bakongo Proverbs of Obituary Rituals: Data Collection, Study and Didactic Application*". We apply four types of techniques for the data collection and study of proverbs: data collection form, participant observation and interview. After the data collection work, we preceded the bilingual listing (kikongo-portuguese) of the proverbs, as well as the circumstance of its application (the study) in the three funeral ceremonies performed by bakongo: funeral and closing of obituary.

We have identified ethnolinguistic problems within the study group throughout our investigation. We elaborate didactic proposal, analytical plan in order to overcome the identified linguistic problems and the deviations of the Portuguese European norm. Furthermore, this plan makes also reference to the causes of the origin of these very same problems. Concerning cultural problems, through the clarification given by our informants, we understand that they are cultural procedures and not problems practiced by bakongo throughout the rituals of obituary.

Finally, according to our experience in Portuguese teaching and from Portuguese language programs and textbooks of primary education, we propose a pedagogical project named: PROBEA - Bakongo Proverbs: Teaching and Learning. This project is designed to train teachers and students who join the project.

Key words: Bakongo proverbs, obituary rituals, pedagogical project.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I: CONTRIBUTOS TEÓRICOS PARA A DEFINIÇÃO DE PROVÉRBIO	5
CAPÍTULO II: ESTADO DA ARTE SOBRE O CONHECIMENTO DOS PROVÉRBIOS BAKONGO .	8
CAPÍTULO III: NOVA COLECÇÃO DOS PROVÉRBIOS BAKONGO: AS FRASES SENTENCIOSAS APLICADAS EM RITUAIS DE ÓBITO	11
3.1. Metodologia de recolha e análise de informações	11
3.1.1. Ficha de recolha	11
3.1.2. Observação participante	11
3.1.3. Entrevista	11
3.1.3.1. Análise dos resultados da entrevista	12
3.1.4. Inquérito	14
3.1.4.1. Análise dos resultados do inquérito	14
3.2. Listagem bilíngue dos provérbios recolhidos bakongo-português.....	15
3.2.1. Critérios de organização.....	15
3.2.2. Novo acervo proverbial.....	16
3.2.3. Problemas da tradução	27
3.3. Frases sentenciosas aplicadas em rituais de óbito: mediação e resolução de conflitos.....	28
3.3.1. Conceção bakongo sobre a morte	28
3.3.2. Circunstância da aplicação das frases sentenciosas em rituais de óbito.....	29
3.4. Análise etnolinguística.....	33
3.4.1. Problemas linguísticos	33
3.4.1.1. Actividades programadas	37
3.4.2. Problemas culturais.....	39
3.5. Noção bakongo de provérbio expressa pelo povo.....	41
CAPÍTULO IV: PROVÉRBIOS NO ENSINO PRIMÁRIO ANGOLANO	43
4.1. Sistema de ensino angolano	43
4.2. Plano de estudos do Ensino Primário.....	47
4.2.1. Lugar do provérbio em LNOA nos manuais do Ensino Primário.....	49

4.3. Potencialidade didáctica dos Provérbios bakongo	50
CAPÍTULO V: PROPOSTA ETNO-DIDÁTICA: A APLICAÇÃO DOS PROVÉRBIOS BAKONGO NO ENSINO PRIMÁRIO	53
5.1. Justificação da proposta	53
5.2. Descrição do projecto e do plano de actividades	54
5.2.1. Projecto Pedagógico.....	54
5.2.1.1. Planificação de aulas	55
5.2.1.1.1. Sequência didáctica com texto proverbial bakongo com foco na leitura	55
5.3. Especificação das fases e/ou etapas do projecto	65
5.4. Para uma avaliação da proposta	65
CONCLUSÃO	67
BIBLIOGRAFIA	69
APÊNDICES.....	80
Apêndice I- Ficha de recolha de provérbios	80
Apêndice II- Guião da entrevista	81
Apêndice III - Questionário do inquérito	82
Apêndice IV- Plano analítico.....	84
Apêndice V- Ficha de inscrição.....	86
Apêndice VI- Grelha de observação das aulas	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BP-	Bairro Palanca
Cf. –	Confrontar
EMC-	Educação Moral e Cívica
EP -	Ensino Primário
INIDE -	Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação
LB -	Linguística Bantu
LBSE -	Lei de Base do Sistema Educativo
LM-	Língua Materna
LNM-	Língua Não Materna
LNOA -	Línguas Nacionais de Origem Africana
LP -	Língua Portuguesa
MED-	Ministério da Educação
MLP -	Manual de Língua Portuguesa
PA -	Português em Angola
PE-	Português Europeu
PFB -	Português Falado pelos Bakongo
PLM e LNM -	Português Língua Materna e Português Língua Não Materna
PP-	Projecto Pedagógico
RE -	Reforma Educativa
SD -	Sequência Didáctica

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, subordinado ao tema “*Provérbios Bakongo de Rituais de Óbito: Recolha, Estudo e Aplicação Didáctica*”, é elaborado no âmbito da dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tem como objectivos recolher provérbios bakongo usados em rituais de óbitos, bem como proceder as traduções e as interpretações dos mesmos e, por outro lado, identificar as circunstâncias de aplicação destes provérbios nas três cerimónias fúnebres (velório, funeral e término do óbito). Outrossim, o trabalho visa apresentar um projecto pedagógico.

A nossa investigação teve como alvo a população representada pela comunidade bakongo¹ residente no Bairro Palanca². Neste bairro, habitam maioritariamente os originários da província do Uíge. Uíge é uma das 18 províncias de Angola, situado ao norte do país, pertencendo ao grupo etnolinguístico dos bakongo.

Os bakongo, desde os tempos idos até aos dias de hoje, para tratar de assuntos de alambamento, nascimento de uma criança, problemas conjugais, roubos, óbitos e outros têm recorrido ao uso dos provérbios. Relativamente aos problemas de óbitos, tratando-se de momentos dramáticos e inesperados, em geral, surgem inúmeros conflitos. Para a resolução destes conflitos, exige-se do grupo o emprego de todo o repertório tradicional e da experiência dos mais velhos.

Mesmo diante do alto nível de popularização dos provérbios no seio deste grupo, encontramos no Bairro Palanca jovens de origem bakongo que não têm domínio dos provérbios.

¹ Os bakongo constituem-se o terceiro maior grupo etnolinguístico de Angola e têm como língua o kikongo, que é uma língua transnacional, dado que é também falada fora de Angola. O kikongo é falado no extremo sudoeste da República do Congo-Brazzaville, no sudoeste da República Democrática do Congo e no Gabão.

² O BP é um bairro distrito do Kilamba Kiaxi. Foi efectivamente ocupado com a chegada dos ex-exilados da República Democrática do Congo, ex- Zaire, a Luanda, principalmente a partir dos anos 1980. Tem como pontos de referências: a Estrada de Catete, o Hospital do Sanatório, a Universidade Católica de Angola e a Estrada Nova. Esta estrada liga o Hospital Sanatório ao bairro Popular. O BP esta ladeado aos bairros Golfe, Chapa e Sapu. Dentro do bairro, as diferentes igrejas são usadas como ponto de referência para a localização de residências. Os mercados, ou “praças”, são os principais pontos de aglomeração da população do bairro, principalmente a partir do meio da tarde. São locais que se exercem as principais actividades económicas das mulheres, garantindo a subsistência do dia-a-dia das famílias. Outrossim, os inúmeros estabelecimentos de comércio e serviços como alfaiatarias, consertos de carros, cabeleireiros... fazem do bairro uma comunidade muito dinâmica.

O não domínio dos provérbios por estes deve-se ao facto de que nos centros urbanos e suas periferias (no seio familiar, assim como em sala de aula/escola), a prática da literatura de transmissão oral não é transmitida e/ ou ensinada às novas gerações e as novas gerações não se interessam em aprendê-la.

Recorremos à pesquisa bibliográfica, com vista à obtenção de bases teóricas e científicas para justificarmos os nossos argumentos, bem como à identificação das obras relacionadas com o objecto em análise e conhecer como o objecto foi discutido ou analisado em estudos anteriores.

Para a recolha dos provérbios (tradução kikongo-português e interpretação) e identificação das circunstâncias da aplicação dos mesmos, bem como para a recolha e tratamento de dados, aplicámos quatro tipos de instrumentos e procedimentos: ficha de recolha, observação participante, entrevista e inquérito.

O nosso enquadramento teórico, quanto à preservação, à transmissão da cultura e à resolução de problemas por meio de provérbios, assenta nas ideias de:

a) Fernando Ndombele Tadi (2012: 14) ao afirmar que “os provérbios são construídos por palavras e ditames que regem a nossa vida e, por conseguinte, testemunham a sabedoria dos nossos antepassados e do nosso povo. São transmitidos às gerações vindouras, razão pela qual devem ser preservados”.

b) Raul Ruiz Altuna (2014: 43) ao sustentar que “os provérbios servem para reforçar um argumento, para resolver um litígio, sancionar instituições e apoiar uma advertência ou admoestação”.

No que diz respeito ao ensino e aprendizagem dos provérbios em Línguas Nacionais de Origem Africana (línguas bantu³), em sala de aula, tomamos como referência teórica as afirmações de:

a) Leonor Jesus Marcos Melo (2002: 20 - 21) na sua obra “*Os textos tradicionais na aula de português: os provérbios*” ao referir que “é aconselhável aproveitar este património na

³ Línguas Bantu são as línguas faladas do Sul dos camarões até à África do Sul, que têm semelhanças fonéticas, morfológicas, semânticas e lexicais. Como se sabe, a maioria das línguas angolanas africanas pertence ao grupo de línguas bantu. São elas: o Umbundu, Kimbundu, Cokwe, Ngangela, Nyaneka, Kwanyama, Mbunda, Ciluba, Ciluvale, kikongo, Humbi, etc (cf. Undolo, 2016: 39).

formação e enriquecimento cultural dos nossos alunos. A escola, como veículo de transmissão de saberes e de valores culturais, tem uma grande responsabilidade em manter aceso este legado da nossa memória colectiva.”

b) Telma Elisabete de Oliveira Duarte (2013: 19) ao afirmar que “um ensino que queira, cada vez mais, aproximar a escola da comunidade tem que incorporar necessariamente a valorização das raízes da nossa cultura. Trazer os provérbios até às nossas salas de aulas contribuirá, assim, para a divulgação e preservação da nossa cultura popular e literária, o que, conseqüentemente, contribuirá para desenvolver a consciência e identidade cultural dos nossos alunos”;

c) Maria Bagão (2007: 192), em “*Os adagiários*”, em *Dicionarística portuguesa*, ao considerar que “as colectâneas de provérbios são fontes primordiais para o agenciamento do *corpus* lexical de uma língua”.

De acordo com a natureza da realização deste trabalho, descrição do fenómeno tal como ocorre na realidade objectiva, o trabalho obedeceu a uma pesquisa descritiva e desenrola-se em cinco capítulos.

O primeiro capítulo faz uma abordagem em torno dos contributos teóricos à volta da definição de provérbio.

O segundo capítulo apresenta os estudos anteriores ao nosso, isto é: (i) colecções e temáticas à volta de provérbios bakongo, (ii) abordagem em torno da morte entre os bakongo e (iii) um estudo que espelha a realidade dos bakongo em Luanda.

O terceiro capítulo faz referência à metodologia de recolha e tratamentos de dados da investigação. Em seguida, apresenta a listagem bilíngue (kikongo - português) dos provérbios recolhidos, assim como as circunstâncias da aplicação dos mesmos nas três cerimónias fúnebres. Outrossim, o capítulo faz menção aos problemas etnolinguísticos identificados junto do grupo em estudo. Por fim, apresenta a noção de provérbio na perspectiva bakongo.

O quarto capítulo faz uma abordagem em torno das potencialidades didácticas dos provérbios bakongo. Na intenção de identificarmos o lugar do provérbio em Línguas Nacionais

de Origem Africana no Ensino Primário, analisámos os manuais utilizados neste subsistema de ensino. Estes manuais serviram-nos de *corpus* de análise.

Por fim, o último capítulo apresenta o Projecto Pedagógico denominado “PROBEA - Provérbios Bakongo: Ensino e Aprendizagem”. Este projecto servirá de “guia orientador” a ser utilizado no curso de nivelamento de língua-cultura kikongo. Este curso dar-se-á a professores interessados das escolas aderentes ao projecto, bem como a estudantes interessados do Subsistema de Formação de Professores. Os resultados deste curso serão aplicados a alunos da 4^a e 5^a classe do Ensino Primário das escolas aderentes ao projecto.

CAPÍTULO I: CONTRIBUTOS TEÓRICOS PARA A DEFINIÇÃO DE PROVÉRPIO

Procurar dar uma definição acerca de provérbio é uma tarefa difícil, “são mais as perguntas do que as respostas à volta dos provérbios” Mário Vilela (2002: 229). De igual modo, Marlene Assunção Nóbrega (2008: 117) pensa que “a perfeita ou definitiva conceituação do provérbio é muito difícil” e Alexandre Parafita e Isaura Fernandes (2007: 68) afirmam que “não falta mesmo quem considere impossível defini-lo”. A afirmação de Archer Taylor (1931: 3) reforça a ideia dos autores acima citados “La definición de un proverbio es una tafea muy difícil de emprender; y aunque lográramos reunir en una sola definición todos sus elementos esenciales y expresarlos con el énfasis adecuado, no conseguiríamos aún llegar al meollo de la cuestión. Lo que convierte una frase en proverbial y lo que hace que ella no lo sea, es una cualidad imposible de expresar. De ahí que ninguna definición podrá proporcionar los instrumentos para identificar a ciencia cierta una frase como proverbial”. De acordo com este mesmo autor, o domínio da língua em que é proferida o provérbio é um factor importante “Quienes no dominan una lengua, no podrán jamás reconocer todos sus provérbios (*ibidem*).

Segundo Ana Cristina Macário Lopes (1992: 1), na sua tese de doutoramento *Texto proverbial português – elementos para uma análise semântica e pragmática*, define o provérbio como “um texto breve e sentencioso, que se transmite oralmente de geração em geração, acabando por adquirir o estatuto de texto anónimo institucionalizado”. Leonor Melo (2002: 152) reforça a ideia de Ana Cristina Macário Lopes quando refere que “os provérbios são breves frases sapienciais, com origem na sabedoria popular, daí o seu carácter de textos anónimos”. Por outro lado, Anamarija Marinovic (2012: 12) partilha as ideias da Ana Cristina Macário Lopes e da Leonor Melo quando realça que “os provérbios representam formas concisas em que se expressa a sabedoria do povo, esta sabedoria é transmitida oralmente de geração em geração.”

Partindo das considerações dos autores acima citados, compreendemos, então, que o provérbio é um enunciado breve, não tem autor identificável e é transmitido de geração a geração, conforme afirma Renata Sousa da Silva (2009:85) “outro ponto relevante em relação aos provérbios é que eles não possuem data, nem autor. Suas manifestações vêm de geração em geração, concretizando-se do passado ao presente”. Ainda, na tentativa de definir o provérbio,

Renata Sousa da Silva (2009:85) considera o provérbio como “estratégia de argumentação”. Nesta perspectiva, e também no nosso ponto de vista, podemos afirmar que o provérbio pode ser utilizado como plano de um raciocínio lógico. Para sustentarmos a nossa ideia, recorreremos a Maria Teresa de Sousa Bagão⁴. De acordo com Maria Bagão, os provérbios são polifónicos e polissemânticos. Suscitam múltiplos efeitos de sentido, enriquecem a reflexão filosófica e oferecem geralmente meios de autodescodificação.

Para Barlett Jere Whiting (1932: 302), a síntese que o provérbio apresenta não é um aspecto fundamental “Es con frecuencia breve, pero ésta no es una condición necesaria”. Ainda, Whiting faz referência aos dois sentidos que o provérbio carrega “Algunos Proverbios poseen a la vez una significación literal y una significación figurada, cada una de las cuales tiene sentido en sí misma; pero la mayoría de ellos tiene sólo una de ambas” (ibidem).

No *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de 2015: 3172, o provérbio é definido como “uma frase curta, geralmente de origem popular, frequentemente com ritmo e rima, rica em imagens, que sintetiza um conceito a respeito da realidade ou uma regra social ou moral”. Quanto a estes dois últimos itens “uma regra social ou moral”, de acordo com Ana Cristina Macário Lopes (1992: 11), “nem todos os provérbios exprimem directamente uma injunção em termos de comportamento social, não é menos verdade que a evocação de uma experiência passada pode ser usada, indirectamente, como um aviso, um conselho ou até uma exortação”. Por exemplo: “Quem ri por último ri melhor, concordamos que se trata de uma asserção de pendor conclusivo, que pressupõe a experiência passada de uma satisfação prematura nefasta” (ibidem).

Já, Ana Paula Gonçalves Santos (s/d) define o provérbio como parte do folclore e da cultura dos povos, sendo transmitido de geração para geração, principalmente pela linguagem oral, e constituindo-se como parte importante do léxico da língua. As expressões proverbiais auxiliam na comunicação, uma vez que podem ser utilizadas com diversos objectivos: consolar, advertir, praguejar...

⁴ Cf. “Os adagiários”, en *Diccionario Portuguesa* de Telmo Verdelho e João Paulo Silvestre (coords.). Aveiro: Universidade de Aveiro. Col. Theoria, Poesis, Praxis (2007: 192).

Da análise feita a partir das definições apresentadas, compreendemos que o provérbio é (i) uma frase curta, sem data e sem autor identificado (ii) transmitido oralmente de geração em geração, (iii) um artifício usado para fazer entender, convencer, resumir uma explicação e sobretudo, potencializar uma argumentação.

É importante referir que, muitas vezes, utilizam-se em português outros termos sinónimos ou parassinónimos do termo provérbio (Lopes, 1992: 10), nomeadamente: adágio, dito, ditado e rifão. Neste trabalho, não se prestará atenção aos pormenores terminológicos e diferenças entre os conceitos, isto ultrapassaria os objectivos da nossa investigação. Esta problemática suscita muitas polémicas entre os paremiólogos (Anamarija Marinovic, 2012: 13).

CAPÍTULO II: ESTADO DA ARTE SOBRE O CONHECIMENTO DOS PROVÉRBIOS BAKONGO

Na tentativa de identificarmos estudos anteriores a nosso, encontrámos colecções e temáticas à volta de provérbios bakongo, assim como abordagem em torno da morte entre os bakongo. Por outro lado, encontrámos um estudo que espelha a realidade dos bakongo em Luanda, de modo particular no Bairro Palanca.

Quanto às colecções, encontramos-las nas obras de:

ANTÓNIO, D. (s/d). *Provérbios em Kikongo*. Uíge: Gráfica Lux. O presente trabalho é fruto da familiaridade do autor com a comunidade cristã. O autor apresenta 253 provérbios que podem ser usados em vários contextos.

KUNZIKA, E. (2009). *Dicionário de Provérbios Kikongo*. Luanda: Editorial Nzila. Este dicionário de provérbios kikongo, traduzidos e explicados em português, francês e inglês é o resultado de uma pesquisa desenvolvida junto da comunidade etnolinguística kongo. Espelha, por escrito, a extensão e a profundidade dos saberes que qualquer sociedade procura preservar e transmitir às gerações futuras.

TADI, F. N. K. (2012). *Eloquência: manual de aprendizagem da eloquência através de provérbios kikongo*. Luanda: Editora Mayamba. Este livro não se limita apenas a apresentar os provérbios, bem como ensina a interpretá-los e explica a forma sabia como os mesmos devem ser utilizados em várias situações. É uma ferramenta pedagógica de aprendizagem de provérbios para esta geração e para as gerações vindouras.

Por outro lado, encontrámos abordagens (temáticas) em torno de provérbios bakongo nos estudos de:

FERNANDO, B. (2012). *A Fauna e as Finalidades Didácticas em Alguns Provérbios Bakongo*. 1ª Ed., Luanda: INIC. O autor, por meio de provérbios, prova e comprova o impacto das nossas tradições nas sociedades, mesmo no contexto de globalização que vivemos. É intenção ajudar a sociedade leitora a compreender uma das mais complexas e incomparáveis

peculiaridades linguística, os provérbios (*ingana* em kikongo), cuja finalidade inclui sempre didáctica, a moralização social e, em muitos casos, o deleite. O trabalho versa numa área muito explorada pelos bakongo, a fauna. A partir da fauna, procurou-se descodificar alguns recursos simbólicos que servem para educar, aconselhar, persuadir, dissuadir ou demonstrar que a vida em sociedade se rege por preceitos que devem ser respeitados e preservados pelos homens.

LISIMBA, M. (1999). *Les Proverbes dans Kongo Proverbs and the Origins of Bantu Wisdom*. CICIBA. Segundo o autor desta obra, alguns provérbios da família bantu oferecem dados para a elaboração de dicionários.

QUIALA, M. B. (2013). *Longoka Kikongo* (Aprenda Kikongo). Luanda: Mayamba Editora. Este livro é simultaneamente programa, plano curricular, livro de leitura e gramática para uma tentativa de ensinar o kikongo a quem o queira aprender seja qual for o seu grupo etnolinguístico ou sua raça. Foi intenção do autor aglutinar os materiais didácticos acima referidos para facilitar o trabalho do docente e do discente no âmbito do processo do ensino-aprendizagem, bem como do autodidacta.

STENSTROM, O. (1999). *Proverbes des Bakongo*. Kinshasa: UPPSALA et KIMPENSE. Este livro contém elementos de Filosofia, Crítica Literária e Linguística Aplicada. Por outro lado, livro faz um apelo quanto ao desaparecimento de provérbios em geral e, de um modo particular, aos provérbios do povo bakongo.

VITORINO, C. C. (2014). *Provérbios Cabinda em Tampas de Painéis: Uma análise a partir da Psicolinguística da leitura e da Teoria dos Espaços Mentais*. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Este estudo analisou conselhos, em forma de provérbios, que os cabindenses, povo kongo, tinham a dar aos filhos antes e depois do casamento, apresentados em tampas de painéis de barro, onde cada figura apresentava uma locução proverbial, contendo, muitas vezes, uma admoestação ou sentença moral

Outrossim, o estudo da morte no grupo étnico kongo encontrámo-la em TECA, A. (2015). *Concepção e Representação Social da Morte no Grupo Étnico Kongo*. Tesis Doctoral Leída en la Universidad Rey Juan Carlos de Madrid. Esta Tese apresenta contribuições para o

combate de muitas práticas que não correspondem com a cultura tradicional africana ou angolana, e muito menos kongo. Apresenta conteúdos relacionados com o nosso objecto de estudo (óbito entre os bakongo e a importância do uso de provérbio nos mesmos). O trabalho visa diminuir a ignorância cultural nos óbitos e nas cerimónias fúnebres dos bakongo.

Por fim, PEREIRA, L. N. N. (1999). *Os regressados na cidade de Luanda: um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Faz um estudo sobre os angolanos (bakongos) que nasceram no norte de Angola (na província do Uíge) e daqueles que nasceram no Zaire, actual República Democrática do Congo. Descreve o processo de (con) vivência deste grupo em Luanda e das transformações que empreenderam para garantir sua inserção na capital do país, Luanda, BP. Por outro lado, faz referência à religião, às tradições e aos rituais de óbito deste grupo.

CAPÍTULO III: NOVA COLECCÃO DOS PROVÉRBIOS BAKONGO: AS FRASES SENTENCIOSAS APLICADAS EM RITUAIS DE ÓBITO

3.1. Metodologia de recolha e análise de informações

Para a recolha dos provérbios (tradução kikongo-português e interpretação) e identificação das circunstâncias da aplicação dos mesmos nas três cerimónias fúnebres, bem como para a recolha de dados e tratamento dos mesmos, aplicámos os seguintes tipos de instrumentos e procedimentos.

3.1.1. Ficha de recolha

Elaborámos uma ficha para a recolha de provérbios (cf. apêndice I). Reproduzimos as fichas e distribuímos-las a todos os nossos informantes (da entrevista e do inquérito). O preenchimento das mesmas, em função das conveniências e disponibilidade dos informantes, foi feito durante o mês de Abril e na primeira quinzena de Maio de 2017.

3.1.2. Observação participante

Este tipo de observação tem lugar, como se diz, quando o investigador se mistura com o grupo observado e participa em suas actividades (Bravo, 2005: 256).

Efectuamos a observação participante para compreendermos os aspectos práticos dos rituais de óbitos no grupo étnico kongo⁵, bem como as circunstâncias da aplicação dos provérbios em cada uma das três grandes cerimónias fúnebres: do velório, do funeral e do término do óbito, como descrito na secção 3.3.2.

3.1.3. Entrevista

⁵ O grupo étnico kongo pertenceu ao antigo Reino do Kongo. Este Reino foi fundado pelo Nimi a Lukeni. A fundação do Reino do Kongo situaria-se entre os séculos XIV e XV (López, 2006: 189). Nimi a Lukeni estabeleceu a cidade capital do seu Reino em Mbanza Kongo, que mais tarde passou a ser chamada de São Salvador pelos colonizadores portugueses. A região sociocultural Kongo em Angola é composta pelas províncias de Cabinda, Zaire, Uíge e uma parte do norte da província do Bengo.

Os nossos entrevistados foram constituídos por cinco indivíduos da província do Uíge. Todos residentes do BP:

Pedro Kinanga Kiala Vanga, 64 anos de idade, alfaiate, natural da Damba. Foi entrevistado no dia 02 de Abril de 2017, às 10 horas, em sua casa.

Jaime Cândido, 50 anos, professor do ensino secundário, natural da Damba. Foi entrevistado no dia 02 de Abril de 2017, às 12 horas, em sua casa.

Daniel Onde, 39 anos, jurista, natural de Maquela do Zombo. Foi entrevistado no dia 02 de Abril de 2017, às 15 horas, num restaurante localizado no BP.

Mbenza Muanza, 70 anos, comerciante, natural da Damba. Foi entrevistado no dia 09 de Abril de 2017, às 14 horas, em sua casa.

Fernando Miguel, 75 anos, pedreiro, natural de Maquela do Zombo. Foi entrevistado no dia 09 de Abril de 2017, às 17 horas, em casa do senhor Pedro Kimanga Kiala Vanga.

3.1.3.1. Análise dos resultados da entrevista

Obtivemos os seguintes resultados da entrevista:

Relativamente à primeira questão, o que são os provérbios na cultura bakongo? Cf. a resposta desta questão na secção 3.5.

Na segunda questão, que procura saber se os entrevistados têm ensinado os provérbios aos seus filhos, obtivemos respostas idênticas a todos os entrevistados. Não lhos ensinam, alegando que os mesmos não mostram interesse em aprendê-los.

Se têm sido porta-vozes nos óbitos dos Kikongo, isto na terceira questão, todos os entrevistados responderam que têm sido, com exceção do Daniel Onde. Mas Onde afirmou que tem uma vasta experiência nestes assuntos, porque tem sido instruído pelos seus mais velhos (avós, pais e tios).

Relativamente aos anos que cada tem na condução de problemas de óbitos, obtivemos os seguintes resultados: Pedro Kinanga Kiala Vanga é porta-voz há 25 anos; Jaime Cândido há mais

de 11 anos; Mbenza Muanza 26, os anos deste correspondem com os anos de experiência do Fernando Miguel.

Porém, observando a idade de cada um e os anos de experiência conforme indicados, mostra que, de um modo geral, os nossos entrevistados são conhecedores da tradição dos bakongo. O mesmo podemos dizer do Daniel Onde, apesar que não tem nenhuma experiência como porta-voz, revela que tem uma vasta experiência em assuntos de rituais de óbitos, porque está a ser instruído pelo seus mais velhos.

No que concerne à quarta questão, por que os bakongo usam os provérbios em rituais de óbitos? Pedro Kinanga Kiala Vanga respondeu que “os bakongo usam provérbios para valorizar a sua tradição. Esta tradição não está escrita, mas é ensinada ou transmitida durante a resolução de problemas de alambamento, óbito... A pessoa que não participa destes problemas dificilmente entenderá ou aprenderá a tradição dos bakongo. Por outro lado, os provérbios ajudam esclarecer vários assuntos, bem como na tomada de decisões. A Língua usada é kikongo”.

Já, Jaime Cândido afirmou “ são usados os provérbios para reforçar um argumento e resolver os litígios que surgem durante os rituais de óbito. Nas cerimónias fúnebres, os bakongo não usam outra língua, a não ser o kikongo”.

Para o Daniel Onde, “os provérbios servem para dar clareza naquilo que estão falando e tratando e ao mesmo tempo facilitar o entendimento das pessoas. Em qualquer lugar, mesmo fora da área cultural Kongo, os bakongo nas suas cerimónias fúnebres só usam a língua kikongo”.

Mbenza Muanza disse-nos que “os provérbios servem para simplificar as coisas e evitar o mau entendido que pode ocasionar desentendimento. Para evitar que se repita coisas que já se passou ou se viveu no passado, por isso os bakongo apresentam o *nkuwa*. A língua materna, o kikongo, que é usado nas cerimónias fúnebres dos bakongo”.

Na opinião de Fernando Miguel, “os bakongo recorrem aos provérbios por conter boas lições de sabedoria e como forma de honrar e de transmitir os conhecimentos ou maneira de pensar, sentar e agir que animavam os nossos ancestrais. Os bakongo usam provérbios de óbitos como momento para transmissão de conhecimentos e de troca de experiência para a educação de

novas gerações e a reeducação dos mais velhos. Os bakongo resolvem todos seus problemas em Kikongo”.

Por fim, todos os entrevistados aceitaram ficar com as fichas.

3.1.4. Inquérito

A este inquérito responderam vinte e nove jovens, que foram seleccionados de forma intencional, de acordo com os nossos critérios (ser jovem residente do Palanca e de pais bakongo). O inquérito foi aplicado com a finalidade de obtermos informações acerca do nível de conhecimentos destes jovens em relação às cerimónias fúnebres de bakongo e ao uso de provérbios nestas cerimónias.

3.1.4.1. Análise dos resultados do inquérito

De entre os vinte e nove jovens inqueridos, dezassete são do sexo masculino e doze do sexo feminino, as idades dos mesmos variam entre os vinte a trinta e cinco anos. Vinte e um são naturais de Luanda e vivem no BP há mais de trinta anos, o tempo de vivência dos mesmos, neste bairro, corresponde com as suas idades, leva-nos a crer que os mesmos nasceram no BP. Os restantes, oito, são naturais do Uíge, chegaram ao Palanca na fase de adolescência e vivem no Palanca aproximadamente há quinze anos.

Os pais de todos os inqueridos são da província do Uíge.

Apesar de todos os jovens serem de origem bakongo, somente onze afirmaram saber falar o kikongo, dos quais seis do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Todos eles aprenderam o kikongo no seio familiar. Dentre estes onze, oito nasceram na província do Uíge, cinco do sexo masculino e três do sexo feminino. E os outros três, que afirmam falar kikongo, nasceram em Luanda, dois do sexo feminino e um do sexo masculino. Estes últimos três aprenderam o kikongo por intermédio de seus avós. Entretanto, dos dezoito que afirmam não falarem o kikongo nasceram em Luanda (Palanca), não demonstram interesse em aprendê-lo e os seus pais (educadores) não os ensinam.

No que diz respeito ao acompanhamento dos jovens aos óbitos de bakongo no bairro Palanca, todos eles afirmam que têm acompanhado.

Quanto à quarta questão, sete afirmam ter participado em rituais de resolução de problemas de óbitos e ter domínio dos provérbios usados nestes rituais. Segundo os mesmos, têm domínio dos mesmos porque fazem parte da cultura deles e que são motivados pelos seus familiares adultos em aprendê-los e praticá-los. Dos sete, cinco são dos que afirmaram nascer no Uíge e os restantes dois são naturais de Luanda. A grande maioria afirma não participar nestes rituais, alegam que é para os mais velhos, não entendem nada que lá se diz porque não falam o kikongo.

Relativamente à última pergunta, a grande maioria dos inqueridos, dezanove revelam que os seus professores abordaram este assunto, ao longo do ensino primário na 5ª classe, disciplina de Educação Moral e Cívica. Todos afirmam que os provérbios vistos foram em português. Por outro lado, seis afirmam não recordar que tenha falado e quatro afirmam que não falaram. No nosso entender, estes últimos dois grupos, que afirmam não recordar e não ter falado, pelas suas idades, frequentaram o ensino primário antes da 2ª Reforma Educativa em Angola (sobre a RE, cf. 4.1).

Por fim, pedimos que todos os jovens ficassem com a ficha de recolha de provérbios. Todos aceitaram em recebê-las. Na fase da recolha das fichas, identificámos sete fichas preenchidas, isto levou-nos a crer que as fichas preenchidas são dos sete jovens que afirmaram ter participado em rituais de óbitos e ter domínio dos provérbios usados nestes rituais.

3.2. Listagem bilíngue dos provérbios recolhidos bakongo-português

3.2.1. Critérios de organização

Organizámos os trinta provérbios recolhidos alfabeticamente, de acordo com a versão portuguesa. A sua apresentação obedeceu a seguinte ordem:

- a) Foi mantido o texto original em língua kikongo;
- b) Optou-se sempre pela tradução literal (em língua portuguesa);

c) Os comentários (a lição moral/ensinamento), que julgámos significativos para a interpretação dos respectivos provérbios.

3.2.2. Novo acervo proverbial

A seguir, editamos o novo acervo proverbial em kikongo.

Nº 1

Alek´ayokanga ndungu akovolwesang´azitu.

Provérbio proferido por: Pedro Kinanga Kiala Vanga de 64 anos de idade, natural da Damba, província do Uíge e Daniel Onde de 39 anos, natural de Maquela do Zombo. Recolhido por Kiala Vanga⁶.

Tradução literal: Os jovens que queimam *jindungo* (picante) fazem tossir os adultos.

Interpretação: O mau comportamento dos jovens envenena as relações dos adultos.

Nº 2

Ambuta i akwendanga, ambi i asalanga.

Provérbio proferido por: Daniel Onde de 39 anos, natural de Maquela do Zombo e Mbenza Muanza de 70 anos, natural da Damba.

Tradução literal: Os bons morrem cedo, os maus morrem tarde.

Interpretação: Deus escolhe as pessoas boas, para ficarem ao seu lado, antes que se percam nos caminhos ruins. Enquanto, as pessoas más são escolhidas por uma força negativa.

Nº 3

Ana a ngudi asumbana ka zonzi.

⁶ Todas as fichas foram recolhidas durante os dias 20 e 21 de Maio, sábado e domingo, no período da tarde, das 14 às 17 horas.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e Afonso Mbenga, jovem inquerido, de 35 anos, natural de Luanda.

Tradução literal: Entre os filhos da mesma mãe é melhor que haja concórdia, em vez de discórdia por motivo de bens.

Interpretação: Por causa dos bens perecíveis, aconselha-se aos irmãos consanguíneos a aplicação da justiça comutativa do que a discórdia. Deve-se honrar a alma do falecido.

Nº 4

Avitanga zika mvumbi kie ntu azikanga yovo akanganga, ay'asukininanga kie malu azikanga.

Provérbio proferido por todos os entrevistados.

Tradução literal: Os primeiros, que chegam no acto de enterro, enterram a cabaça do morto. Os que chegam depois do enterro, enterram os pés.

Interpretação: A cabeça do defunto refere-se ao enterro do próprio morto e os pés representam os problemas subsequentes e pendentes do seu óbito.

Nº 5

Dimosi susa, mamole lukanu.

Provérbio proferido por todos os entrevistados.

Tradução literal: O primeiro incidente é um acaso, o segundo é intencional.

Interpretação: Este provérbio adverte as pessoas no sentido de não tomarem decisões precipitadas, quando morre uma criança ou um jovem.

Quando ocorrem muitos óbitos no seio da mesma família, o chefe da família responsabiliza a parte suspeita. A morte de uma única pessoa no seio da família pode ser aceitável, mas se forem casos repetidos ou vários óbitos na família pela mesma causa, a questão torna-se preocupante, e merece ser indagada.

Nº 6

Dya kuswamanga, mambu ka maswamanga ko.

Provérbio proferido por: todos entrevistados e pelos jovens inqueridos, Fernando Matumona de 33 anos, natural de Luanda e Lando Miguel, natural do Uíge, 27 anos de idade.

Tradução literal: Pode-se esconder a comida, mas não as notícias.

Interpretação: As notícias espalham-se rapidamente.

Nº 7

Dya kwaku fwa dya mvumbi, kansi dyambu diandi kulendi dyo dya fwa ko yovo: fwa dya mvumbi dya kwaku kansi dyambu dyandi kulendi dyo dya fwa ko.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e pelos sete jovens.

Tradução literal: Podes herdar os bens de um morto, mas não podes se apoderar da sua última vontade.

Interpretação: A última vontade de um morto é sagrado, ninguém pode contrariá-la. Apoderar-se da última vontade de um morto é tornar-se devedor de uma propriedade espiritual alheia.

Nº 8

E tata ka fua ko kasi mu nzo ka via.

Provérbio proferido por: Jaime Cândido de 50 anos, natural da Damba e Mbenza Muanza de 70 anos, natural da Damba.

Tradução literal: O pai não está morto, queimou-se.

Interpretação: Por mais tempo que a pessoa morra, se os seus feitos forem bons, esta pessoa permanecerá para sempre aos seus mais próximos. Por esta razão, na tradição bakongo acredita-se que os dois mundos (mundo dos mortos e dos vivos) convivem.

Nº 9

Fwa ye dya, kebavambananga ko.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e pelos sete jovens.

Tradução literal: No óbito, não falta comida.

Interpretação: Sempre que há óbito, há conseqüentemente a aglomeração de pessoas. Por conseguinte, é preciso que haja comida e bebida para o sustento das mesmas. Há, por tanto, a presença de dois elementos: óbito e comida.

Este provérbio cita-se para convidar os presentes à mesa. E também é utilizado para convencer aqueles que se recusam a comer.

Obs.: Este provérbio e o provérbio nº 27 podem ser usados numa mesma circunstância

Nº 10

Kanda dia nkweno kwangu, kazungwangwa ku nto ko.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e pelos jovens Sofia Inês de 29 anos, natural de Maquela do Zombo e Fernando Matumona de 33 anos, natural de Luanda.

Tradução literal: O clã alheio é como o rio Kwango, cuja nascente é incontornável.

O rio Kwango nasce nas terras altas do Alto Chicapa, na província angolana da Lunda Sul, e corre na direcção Norte, servindo de fronteira com a República Democrática do Congo, acabando por entrar neste país, juntando-se ao rio Cassai próximo da cidade de Bandundu, antes de desaguar no rio Congo. O rio tem cerca de 1 100 quilómetros de extensão, dos quais 855 em Angola.

Interpretação: O clã é constituído por pessoas pertencentes a uma linhagem. O mesmo é regido como um governo. Compara-se o clã ao grande rio Kwango, cuja fonte não se pode contornar a pé.

Este provérbio aplica-se para recomendar respeito e consideração para com o clã alheio. Ninguém deve impor a sua vontade sobre um clã a que não pertence.

Este provérbio destina-se a demonstrar a importância ou a supremacia de decisões dum chefe de família sobre a opinião dos outros, incluindo a dos sogros e dos cunhados em relação aos assuntos que dizem respeito à família.

Nº 11

Kazu dyambote, mu nwa wa n'kwaku dina.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e pela jovem Anita Teresa de 35 anos de idade, natural de Luanda.

Tradução literal: A cola⁷ é doce na boca do outro.

Interpretação: O problema só é bom quando diz respeito a outra pessoa, quando nos diz respeito deixa de ser bom, pois sentimos amargura na pele.

Nº 12

Kimbevo kana kibadidi, kyoko ka kidiwangwa tiya-tiya ko.

Provérbio proferido por todos os entrevistados.

Tradução literal: Ainda que a doença esteja numa fase avançada, o remédio não se toma quente.

Obs.: Este provérbio e os provérbios nº 15 e 30 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 13

Kinzu, mate-mate kiayelega (kyazadila).

Provérbio proferido por todos os informantes (entrevistados e inqueridos).

Tradução literal: A cuspeira enche-se com o cuspe de todos.

Interpretação: Este provérbio é usado para exprimir a importância da ajuda mútua. Em caso de óbito na família ou na comunidade, cada um faz entrega duma contribuição em bens ou

⁷ Cola é uma fruta amarga. Geralmente, é mastigada no momento em que é consumida uma bebida alcoólica.

dinheiro para ajudar a família enlutada a suportar os encargos do óbito. Este acto é referido como o cumprimento do adágio "*kinzu kye mate-mate*" demonstrando haver igualmente unidade no sofrimento.

Obs.: Este provérbio e os provérbios nº 14 e 24 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 14

Lambula e koko yalemba, nanga vo kwalwaka ku lembo ko.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e Lando Miguel, jovem inquerido, natural do Uíge, de 27 anos de idade.

Tradução literal: Só se pede a alguém para dar a sua contribuição, caso não tenha ainda cumprido o ritual.

Interpretação: Na cultura bakongo, existe certos deveres e/ ou obrigações que não necessitam de serem lembrados. É o caso das contribuições em problemas de morte, de doenças, de alambamento, etc.

O chefe da família habitualmente usa esse provérbio para apelar aos membros da família no cumprimento do dever tradicional. Trata-se do conhecido princípio de "*nkubidi-nkubidi!*"

Obs.: Este provérbio e os provérbios nº 13 e 24 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 15

Lumbu kifwanga e mvumbi, nkunga dilu ka usonganga ko.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e Benjamin Adão Maquiade, jovem inquerido de 28 anos de idade, natural de Luanda.

Tradução literal: O dia em que morre alguém, os choros seguidos de lamentações e de acusações não são aconselháveis.

Interpretação: Este provérbio serve para advertir as pessoas sobre a necessidade de evitar tomar decisões precipitadas nas horas de angústia. Por outro lado, destina-se a acalmar os ânimos que habitualmente se verificam no momento do anúncio da ocorrência dramática. Também é usado para aconselhar uma família enlutada da necessidade de manter calma e paciência, sobretudo antes de tomar qualquer decisão ou antes de actuar nos momentos de aflição.

Obs.: Este provérbio e os provérbios nº 12 e 30 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 16

Mbele kaka i lenda vila mu nfinda, ka mu nfinda ko yavidila mu mbele.

Provérbio proferido por: Mbenza Muanza de 70 anos, natural da Damba.

Tradução literal: Só a faca pode perder-se na floresta e não a floresta se perder na faca.

Interpretação: Este provérbio é aplicável para refutar um argumento ilógico, sem fundamento.

Nº 17

Mpese fwidi mu mwamba, kyese kyandi kindidi.

Provérbio proferido por: Pedro Kinanga Kiala Vanga de 64 anos de idade, natural da Damba, Mbenza Muanza de 70 anos, natural da Damba e Fernando Miguel de 75 ano, pedreiro, natural de Maquela do Zombo.

Tradução literal: A barata que morre no molho, é vítima da sua alegria ao comer.

Interpretação: A barata vale-se, muitas vezes, dos pratos preparados da casa em que faz parte. Quando se trata de alimentos líquidos, às vezes, escorrega e morre afogada. Quando isto sucede, a ilação que se faz é esse provérbio: morreu porque queria comer. E, assim, o homem propõe-se à prática de certas acções com finalidade de lhe proporcionar felicidade que, muitas vezes, se revertem para o seu próprio mal. Diz-se em Português que “quem tudo quer, tudo perde”.

Nº 18

Mwan'á nkombo wavila mu mfinda fwete meka, kinumana ngudi kenda bulangani.

Provérbio proferido por: Pedro Kinanga Kiala Vanga de 64 anos de idade, natural da Damba, Jaime Cândido de 50 anos, natural da Damba e Daniel Onde de 39 anos, natural de Maquela do Zombo.

Tradução literal: O cabrito perdido na floresta deve gritar para que a sua mãe vá ao seu encontro.

Interpretação: Se o cabrito perdido ficar calado, dificilmente a sua mãe poderá saber do local em que se encontra. Mas se começar a gritar a mãe chegará ao seu encontro. Assim, muitas vezes, para que sejamos ajudados de uma enfermidade temos que nos manifestar. Diz-se e com profunda sabedoria que pedir não é vergonha.

A pessoa quando tem problema deve desabafar-se aos outros

Obs.: Este provérbio e o provérbio nº 20 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 19

Mwan'á nsusu dila zingu ku didi nsala ko.

Provérbio proferido por: Jaime Cândido de 50 anos, natural da Damba, Daniel Onde de 39 anos, natural de Maquela do Zombo.

Tradução literal: O pinto chora a vida, não chora a perda das penas.

Interpretação: Ao pinto depenado vivo ainda crescem as penas, ao passo que se lhe for tirada a vida, já não a recupera. Portanto, as penas representam algo que é pessoal mas não é essencial, pelo contrário a vida é essencial. Este provérbio acalma aqueles que por um infortúnio lamentam-se sobremaneira pela perda dos bens materiais.

Nº 20

Mwana wadila i yemanga.

Provérbio proferido por todos os informantes (entrevistados e inqueridos).

Tradução literal: A criança que chora é que mama

Interpretação: Quando a criança chora, segundo a psicologia das mães bakongo, está esfomeada ou está atormentada por alguma enfermidade. A mãe vá ao encontro da criança que chora para amamentá-la. Depois de ser amamentada, se a criança não se calar, só então é que se faz diagnóstico da causa da inquietação da criança. Quando a criança se mantém calada e calma é sinal de bonança.

Obs.: Este provérbio e o provérbio nº 18 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 21

Mvula munoka lutambi lwa nsa mu moneka.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e Nelson João Eduardo, jovem inquerido, de 28 anos de idade, natural de Luanda.

Tradução literal: Quando cai a chuva, as pegadas do veado aparecem.

Interpretação: Nada fica oculto, tudo sai a superfície e/ ou manifesta-se.

Nº 22

Nfulu mafwa nfulu mambu.

Provérbio proferido por: todos os entrevistados e Benjamim Adão Maquiade, jovem inquerido de 28 anos de idade, natural de Luanda.

Tradução literal: A cama do óbito é o lugar da resolução de problemas.

Interpretação: No encerramento do óbito, resolve-se todos os problemas deixados pelo falecido (das eventuais dívidas e bens).

Nº 23

Ngandu vuvu ku maza, vuvu ku londe.

Provérbio proferido por: Daniel Onde de 39anos, natural de Maquela do Zombo e Fernando Miguel de 75 ano, natural de Maquela do Zombo

Tradução literal: O crocodilo tem confiança de estar na água, bem como de estar fora dela.

Interpretação: É sabido que o crocodilo, sendo anfíbio, pode viver tanto na água como fora dela, se bem que fique mais tempo na água. E não sendo hóspede em nenhum dos dois ambientes, quando se vê em cheque num refugia-se noutra. Este provérbio recomenda-nos a não depositar a confiança numa só parte.

Nº 24

Nludi anzo ulembi natwanga kwa muntu mosi.

Provérbio proferido por todos os informantes (entrevistados e inqueridos).

Tradução literal: O tecto de uma casa nunca é levado por uma única pessoa.

Obs.: Este provérbio e os provérbios nº 13 e 14 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 25

Nsoma muana ma nfunum nvuidio.

Provérbio proferido por: Daniel Onde de 39 anos, natural de Maquela do Zombo e Nelson João Eduardo, jovem inquerido, de 28 anos de idade, natural de Luanda.

Tradução literal: O garfo do meu filho tem importância, preciso-o.

Interpretação: Os bens deixados pelo falecido são divididos no acto de encerramento do óbito.

Nº 26

Nsusu nwanga maza, talanga kuna matuka.

Provérbio proferido por: Pedro Kinanga Kiala Vanga de 64 anos de idade, natural da Damba e Fernando Miguel de 75 anos natural de Maquela do Zombo.

Tradução literal: A galinha, quando bebe água, olha para o lugar donde provém a água.

Interpretação: É necessário conhecer a origem dos problemas antes de os solucionar.

Nº 27

Nzo kanati vumu kasisi.

Provérbio proferido por todos os informantes (entrevistados e inqueridos).

Tradução literal: No óbito, a fome não se separa da pessoa.

Interpretação: Embora o momento é de dor, ninguém deixa a sua barriga em sua casa. Por isso, deve-se comer e beber ao longo do óbito.

Obs.: Este provérbio e o provérbio nº 9 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nº 28

Tu vitidi bombo kuntuala e nlembo ka mata sakuba ko.

Provérbio proferido por: Pedro Kinanga Kiala Vanga de 64 anos de idade, natural da Damba e Lando Miguel, jovem inquerido, natural do Uíge, de 27 anos de idade.

Tradução literal: Adiante o calcanhar em frente, para que os dedos não sofrem pancadas.

Interpretação: Na resolução de problemas, o melhor sempre é achar a solução para depois procurar as causas do problema. Por exemplo, quando morre alguém ao invés de ir ao quimbandeiro para adivinhar quem o matou, primeiro enterra-se o cadáver e depois procura-se outros caminhos ou as causas da morte.

Nº 29

Vena va tobukilanga e ngoma e vena mpe a londanga e ngoma.

Provérbio proferido por: Jaime Cândido de 50 anos, natural da Damba e Fernando Miguel de 75 anos natural de Maquela do Zombo.

Tradução literal: O batuque é reparado onde é quebrado.

Interpretação: A concentração é fixada sempre na residência onde morava a pessoa que morreu.

Nº 30

Vo fwa nkonga, lunda luketo.

Provérbio proferido por: Pedro Kinanga Kiala Vanga de 64 anos de idade, natural da Damba e Daniel Onde de 39 anos, natural de Maquela do Zombo.

Tradução literal: Na nudez, conserva-se as nádegas.

Interpretação: Quando morre alguém, surge inúmeros problemas, deve-se saber resolvê-los. Deve-se aceitar a perda do ente querido, não podemos tomar decisões que rompem com os laços de familiaridade, mas sim conservar estes laços.

Obs.: Este provérbio e os provérbios nº 12 e 15 podem ser usados numa mesma circunstância.

Nota: Os informantes traduziram e interpretaram os provérbios que proferiram. Os informantes, Pedro Kinanga Kiala Vanga e Fernando Miguel, fizeram a revisão linguística dos provérbios em kikongo. A revisão linguística em português foi feita por nós.

3.2.3. Problemas da tradução

No processo da tradução dos provérbios (kikongo – português), segundo os senhores Pedro Vanga e Fernando Miguel, partindo da ideia de que a tradução nem sempre é fiel, tratando-se de provérbios, tornou-se, muitas vezes, um processo ainda mais complexo. A complexidade consistia no facto de alguns provérbios os seus elementos verbais apontam para

referentes inexistentes e/ou desconhecidos na língua portuguesa; daí, às vezes, recorriam aos significados mais ou menos aproximados.

3.3. Frases sentenciosas aplicadas em rituais de óbito: mediação e resolução de conflitos

3.3.1. Concepção bakongo sobre a morte

A morte é um tópico que tem merecido alguma atenção por parte dos investigadores nas mais diversas áreas disciplinares⁸. O seu impacto produz emoções complexas, às vezes, aparentemente contraditórias.

Na concepção dos bakongo, a morte, segundo Kimpianga Mahaniah (1980: 5), é como “uma passagem de uma vida a outra sem que o homem cesse de existir enquanto tal”. Este autor, na tentativa de tornar mais clara e mais entendida a sua definição, salienta que “se o nascimento é um processo pelo qual a criança se incorpora na comunidade dos vivos, a morte é um processo pelo qual o vivo-morto integra-se na comunidade dos mortos-vivos. E se o matrimónio e o acto sexual são as ferramentas que o homem utiliza para assegurar a procriação, a doença e a morte são os meios naturais que permitem a passagem do homem da vida terrestre para a vida ancestral”. Na mesma senda de ideia, Domingas Henrique Monteiro (2007: 32) salienta “para os bakongo a vida não termina na morte, mas sim continua”. Na sua óptica, a vida continua após morte (acredita que a pessoa que morre vai repousar junto dos seus antepassados e de lá continua a orientar e guiar o seu povo). Tendo em conta o ponto de vista destes dois autores, podemos concluir que para os bakongo não tem como aceder ao mundo dos ancestrais ou atingir o estatuto de ancestral se não for pela morte. O defunto, *mvumbi* em kikongo, não é um simples corpo morto, ele carrega ainda a sua alma. A morte é o veículo que permite ao defunto entrar no mundo dos ancestrais. Neste sentido, a morte é considerada como a porta de acesso ao mundo invisível.

De acordo com David Kisadila (2004: 18), “a morte é vista como vontade divina e como vontade humana. É vontade divina (de Deus) quando a pessoa morre idosa, deixando numerosos descendentes e heranças. Esta morte é festejada e é aceitável; A morte é considerada vontade humana quando se trata da morte de um indivíduo em idade activa, como por exemplo, a morte de uma criança, de um adolescente, de um jovem ou de alguém que não atingiu a velhice.

⁸ É óbvio que a abordagem que se faz em torno da morte seja abrangente (Teca, 2015: 95).

Corresponde também a morte como vontade humana todas as mortes que ocorrem nas circunstâncias estranhas, mortes causadas pela praga, feitiçaria, envenenamento, magia, acidente, fâsca, suicídio... Estes tipos de mortes para os bakongo, suspeita-se que alguém terá influenciado estes acontecimentos, por isso, procura-se sempre uma justificação, um culpado, um feiticeiro. E a responsabilidade máxima recai, sobretudo, ao tio materno”. A respeito disso, Van Wing (1921: 286) afirma “nas aldeias, a morte de um membro do clã é seguida de uma série de rituais destinada a descobrir o autor da maldade que causou a morte, a não ser que seja evidente que a tal morte provém de Deus (*Nzambi*) ”. Outro autor que partilha o mesmo pensamento é o M’bemba-Ndoumba (2006: 10) quando refere que “nas aldeias, quando morre uma pessoa, todo o mundo se alarma pela vingança, acusa o bruxo de ser autor daquele fim trágico. É raro escutar as pessoas dizerem que um indivíduo teve uma morte natural, mas sim *dya bandidi*”, que quer dizer “foi comido”.

Outrossim, os bakongo consideram morrer no seio familiar é ter uma morte boa, porque será acarinhado pela comunidade e serão realizados rituais deste grupo étnico. Julgam morte desgraçada, quando se morre longe da família e/ ou da comunidade, neste caso, para os bakongo o defunto é privado dos rituais fúnebres necessários (Teca, 2015: 312).

3.3.2. Circunstância da aplicação das frases sentenciosas em rituais de óbito

A partir dos três autores citados, David Kisadila, Van Wing e M’bemba-Ndoumba, podemos perceber que quando morre alguém (uma criança, um jovem ou um adulto, excepto idoso) surgem inúmeros conflitos ou problemas. Para a resolução destes problemas, segundo os nossos informantes, exige do grupo o emprego de todo o repertório tradicional e da experiência dos mais velhos na condução do ritual. São nestes momentos de oportunidades ímpares que a comunidade bakongo tem recorrido ao uso dos provérbios.

Para percebermos como os bakongo fazem o uso dos provérbios em rituais de óbito, participámos em dois óbitos (**óbito A** - de uma criança recém nascida e **óbito B** - de um senhor de 38 anos). Daí, notámos que os rituais de óbito englobam três grandes cerimónias fúnebres: do velório, do funeral e do término do óbito.

Em seguida, tendo em conta as três cerimónias, descreveremos como ocorreram os óbitos em que participámos, bem como as circunstâncias do uso dos provérbios. Este exercício foi feito com ajuda dos informantes.

a) Cerimónias do velório

Logo após o anúncio do falecimento⁹, para além de amigos, vizinhos..., os dois óbitos contaram com a presença das pessoas mais velhas das diferentes linhagens (*kise*, a família ou parte paterna e *kanda*, a família ou linhagem materna), que assumiam um lugar de importância dentro do grupo de parentesco.

Segundo os nossos informantes, os familiares próximos começam a chegar a partir do momento que tomam o conhecimento da doença grave que poderá vitimar o indivíduo em morte. Esta aproximação tem como objectivo, além de não deixar o indivíduo morrer isoladamente, serve também para ouvir as suas últimas palavras que servirão do testamento ou de instruções na vida dos descendentes.

Nos dois óbitos, escolheram um familiar do lado paterno, o *Yala Nku*, que era uma espécie de porta-voz da família, que teve a tarefa de receber todos os visitantes. À medida que os visitantes chegavam, os porta-vozes tomavam a palavra, num anúncio público, proferido em voz alta, davam explicações às pessoas presentes acerca dos falecidos (quem eram, as causas da morte, como serão feitas as cerimónias fúnebres).

Logo após a chegada dos familiares da parte paterna do falecido, tios, uma panela foi disponibilizada para as contribuições¹⁰. Os bakongo colocam a tigela da contribuição apenas no óbito de um adulto, e não de uma criança. As contribuições são apresentadas ao responsável da família (*Mfumu kanda*) e ao pai (*tata*) do falecido. São eles os responsáveis pelo enterro e pelo sustento de todos os visitantes e familiares que ocorrem ao local.

No óbito B, as noites foram muito movimentadas, cheias de cânticos, louvores e orações. Em diversos momentos, o porta-voz tomava a palavra (narrava o acontecido, apresentava as

⁹ Os *yala nku* pediram que se anunciassem os óbitos aos demais familiares, amigos, vizinhos... Este pedido foi sustentado recorrendo-se ao provérbio nº 6.

¹⁰ Neste momento, recorrendo-se aos provérbios nº 13, 14 e 24, fez-se perceber a importância das contribuições (cf. nota de rodapé nº 20).

famílias envolvidas e explicava aos visitantes quais os procedimentos que estavam a ser adoptados para garantir a boa continuidade do óbito). Os visitantes, por sua vez, através da palavra de um mais-velho, respondiam e agradeciam o acolhimento feito.

Relativamente ao óbito A da criança recém nascida, os rituais foram mais simples: anúncio do falecimento, enterro foi realizado no dia seguinte da morte e, no fim, o debate. No acto da resolução de problemas, os pais da criança foram advertidos fazendo-se recurso aos provérbios nº 1, 5, 18 e 20.

b) Cerimónia do funeral

O funeral do óbito B realizou-se alguns dias após o falecimento¹¹.

No momento de enterro, tanto do óbito A como do óbito B, algumas pessoas foram ao cemitério e outras ficaram nos locais (casas) em que ocorriam os óbitos. Os que ficaram deram a continuidade dos programas (decidiram o dia do término dos óbitos, fizeram o balanço dos mesmos e, no óbito B, trataram dos assuntos relativos ao falecido e à sua família). Por outro lado, notámos pessoas que chegaram horas depois da partida ao cemitério. Os *mfumu kanda* apresentaram as tarefas cumpridas aos atrasados e, por fim, proferiram o provérbio nº 4.

Logo após a chegada do cemitério, foi colocada uma banheira com água e uma toalha, para que as pessoas lavassem as mãos. Em seguida, as famílias dos defuntos ofereceram comidas e bebidas aos presentes¹². Horas depois, no óbito B, anunciou-se a data do término do óbito.

c) Cerimónia do término do óbito

Aqui, apresentaremos somente os resultados do óbito B, quanto ao óbito A, como nos referimos anteriormente, o debate (término do óbito) aconteceu depois da cerimónia do funeral.

No dia combinado para a resolução dos problemas, a família anfitriã, família paterna do falecido, recebeu as pessoas e deu-lhes boas vindas. Em seguida, entrou-se no debate. No

¹¹ Nos bakongo, as cerimónias fúnebres podem ter a duração de três a cinco dias, tendo em conta a idade e o estatuto social do falecido ou as circunstâncias da morte do mesmo.

¹² O convite à mesa foi sustentado com o recurso aos provérbios nº 9 e 27 (cf. nota de rodapé nº 16).

decorrer do debate, procurou-se saber o que o falecido deixou em termos de família (mulher e filhos) e bens matérias.

Os filhos foram postos no meio para serem conhecidos e a eles foi dito: “o vosso pai faleceu, mas vocês não ficaram sem pai, visto que nós como somos irmãos ou sobrinhos dele estamos aqui¹³”.

Após esta exposição, os objectos pessoais do falecido foram inspeccionados por sua família. Todavia, para demonstrar o reconhecimento do poder paterno, a família do falecido decidiu apropriar-se simbolicamente dos objectos do morto (uma lâmina de barbear, um prato que o falecido mais gostava para tomar as refeições e uma camisa), demonstrando assim boa vontade para com a viúva e os filhos que continuarão na posse dos bens do falecido¹⁴. Outrossim, o *mfumu kanda*, mesmo que não deixasse ficar a herança à esposa e aos filhos, ninguém lhe poderia pedir satisfações.

Feitos os rituais acima descritos, seguiu-se o ritual de limpeza da viúva. Trouxeram um pano, um lenço novo, um chinelo e um sabonete. A viúva foi abençoada e liberada para sua nova vida de solteira. Ela deu uma volta em torno de um parente seu, o que simboliza o retorno da viúva à sua família. Depois, ela foi entregue de volta à família do marido, indicando a permanência da aliança feita entre as duas famílias a quando do casamento.

Em seguida, o *mfumu kanda* advertiu os presentes com as seguintes palavras “se alguém tem problemas com o falecido e sua família ou qualquer outro problema diz”. Feita esta divergência proferiu o provérbio nº 22.

Assim, surgiu um problema de acusação de feitiçaria. A acusação recaiu ao tio materno do falecido. Os acusadores, familiares da parte paterna do falecido, alegavam que o tio pretendia ficar com os bens do falecido. O acusado foi interrogado e negou a acusação de ser feiticeiro, tomou a palavra argumentando que, por ser um empresário e funcionário sénior do Banco BIC, seria incapaz de praticar feitiço para ficar com os bens de alguém. Desta discussão, saiu um

¹³ Esta afirmação foi sustentada recorrendo-se aos provérbios nº 2 e 8.

¹⁴ Os filhos foram advertidos com o provérbio nº 3.

grupo que discutiu entre si, evidenciando a dificuldade do problema posto e as diferentes famílias implicadas.

As famílias acusadas retornaram à reunião, negaram a acusação¹⁵. Por sua vez, o tio paterno do falecido apelou que durante um período de cinco meses poderá acontecer algo estranho a quem realmente enfeitiçou o seu filho, encerrou o assunto de acusação com o recurso ao provérbio nº 21.

Já, no final de tudo, o *mfumu kanda* fez mais uma divergência. Divertiu a todos os presentes que quem tivesse dívida do falecido que se manifestasse no momento, caso contrário não se receberia mais a dívida. Passado alguns minutos, não tendo nenhum devedor, o *mfumu kanda* encerrou a cerimónia do término do óbito, convidou a todos os presentes aos comes e bebes¹⁶. Antes do convite à mesa, os membros da igreja do falecido entraram em casa do mesmo para oração final. Este ritual, oração final, também o notámos no óbito A.

Recordamos que, segundo os responsáveis “*mfumu kanda*”, as cerimónias fúnebres dos dois óbitos deveriam ocorrer em casa dos falecidos. Óbito A (em casa dos pais do falecido) e óbito B (em casa do próprio falecido). Esta ideia foi sustentada recorrendo-se ao provérbio nº 29.

3.4. Análise etnolinguística

Ao longo do trabalho de campo junto da população em estudo, durante as entrevistas e as participações em óbitos, identificámos vários problemas de carácter linguístico e cultural.

3.4.1. Problemas linguísticos

Hoje, em Angola, um dos grandes problemas com que se debate o português é, precisamente, a influência que o mesmo sofre diante das LNOA. Esta situação estende-se a todas as províncias de Angola. A língua kikongo é dinâmica, influencia os seus falantes ao falarem o português. Partindo desta consideração introdutória, passamos à apresentação dos problemas linguísticos identificados:

¹⁵ Os argumentos apresentados foram sustentados com base aos provérbios nº 12, 15, 28 e 30.

¹⁶ Cf. a nota de rodapé nº 12.

(i) Nível morfossintático

a) Colocação de pronomes clíticos

Na pronominalização feita pelos falantes do BP, percebemo-nos que o pronome aparece na posição proclítica. As frases seguintes mostram esta realidade, o pronome reflexo “se” figura antes do verbo:

PFB: *Por causa dos bens perecíveis, se aconselha ...* (desvio à norma do PE identificado na ficha de todos os entrevistados e do Afonso Mbenga, jovem inquerido, ao traduzirem o provérbio nº 3).

PE: ... , aconselha-se.

PFB: *Se pode esconder...* (desvio cometido por todos os entrevistados e Fernando Matumona na tradução do provérbio nº 6).

PE: Pode-se esconder...

PFB: *O pai não está morto, se queimou* (desvio cometido por Jaime Cândido e Mbenza Muanza na tradução do provérbio nº 8).

PE: O pai não está morto, queimou-se.

Por outro lado, a colocação do pronome correspondente, isto é, na pronominalização do complemento directo pelo pronome correspondente, exigida pelo PE não é usual pela população em estudo. A título de exemplo, destaca-se a colocação do pronome “lhe”:

PFB: *O garfo do meu filho tem importância, lhe preciso* (desvio cometido pelo Daniel Onde ao traduzir para o português o provérbio nº 25. Já, Nelson João Eduardo, jovem inquerido, não cometeu desvio).

PE: O garfo do meu filho tem importância, preciso-**o**.

PFB: ***Lhe** vi neste óbito* (falante desconhecido, fez-se presente no óbito B).

PE: Vi-**o** neste óbito.

PFB: *Os pais **lhe** amavam muito* (falante desconhecido, fez-se presente no óbito A).

PE: Os pais amavam-**no** muito.

Este facto leva-nos a antever, pela nossa constatação, que esta colocação do clítico é constante nos falantes angolanos, também ocorre no uso cuidado da língua escrita.

b) Processos de concordância

Em Kikongo, como em todas as LNOA, a marca do plural ocorre antes do radical; isto é, a mudança dos nomes do singular para o plural, realiza-se através de prefixos nominais. Os nossos informantes transportavam este fenómeno para o português europeu (PE).

Assim, a actualização do singular para o plural ocorriam da seguinte maneira:

PFB: *Os **jovem** que queimam...* (desvio cometido pelos entrevistados Pedro Kinanga Kiala Vanga e Daniel Onde ao traduzirem o provérbio nº 1).

PE: **Os jovens** que queimam...

PFB: *Os **bom** morrem cedo...* (desvio cometido pelo Daniel Onde e Mbenza Muanza na tradução do provérbio nº 2).

PE: **Os bons** morrem cedo...

PFB: ... *enterram os pé* (todos entrevistados, excepto o Daniel Onde, cometeram desvio ao traduzirem o provérbio nº 4).

PE: ... enterram **os pés**.

PFB: *Os prato estão no carro da mana Isabel* (falante desconhecido, fez-se presente no óbito b).

PE: **Os pratos** estão no carro da mana Isabel.

PFB: *As pessoa tem fome* (falante desconhecido, fez-se presente no óbito b).

PE: **As pessoas** têm muita fome.

(ii) Nível semântico

Alguns verbos em kikongo apontam para significados diferentes quando são transportados para o português, é caso dos verbos:

a) **Comer**. Em kikongo, esta unidade lexical apresenta uma extensão de sentidos: gastar, desperdício de tempo, benefício, tirar a vida magicamente, multar. Mas, em português, significa tomar alguma coisa como alimento;

b) **Sentir**. Em kikongo, não existe, para o utente do kikongo é sempre ver. Enquanto para o português, sentir fome, sentir calor, sentir frio, sentir pena;

c) **Beber**. Em kikongo, para todas as circunstâncias de ingerir líquidos o verbo usado é beber, enquanto para o Português esta acção é representada por dois verbos: beber e tomar. A Linguística Portuguesa, segundo Manuel Quivuna, 2013: 116, ainda não nos esclareceu sobre a diferenciação do que se bebe (e porquê) e do que se toma (e porquê). Quer para usar medicamentos por via oral, quer para usar qualquer líquido (água, café, chá, leite, todo o tipo de bebidas, até fumar um cigarro), o verbo é sempre beber para o kikongo.

(iii) Nível fonético

Para qualquer falante, independentemente do seu estatuto social, do seu nível de escolaridade ou outros factores, as diferenças mais evidente entre as variedades de uma língua são de ordem fonética (Márcio Undolo, 2016: 143). Frequentemente, constámos no discurso dos falantes do kikongo e/ ou de origem bakongo ao falarem o português a articulação da unidade lexical “casa” como se fosse caça pois o som “cê” para o kikongo, mesmo intervocálico, tem sempre uma única pronúncia “sê”; O mesmo acontecia com a pronúncia das unidades lexicais:

a) *Zindungo* ao invés de *gindungo*;

b) *Focu* ao invés de *fogo*;

c) *karfo* ao invés de *garfo*;

d) *Fuzir* ao invés de *fugir*.

Não fizemos um estudo ou levantamento exaustivo de elementos que podem ser interpretados como traços característicos dos falantes do kikongo ou de origem bakongo, ao falarem o português. A falta de um trabalho rigoroso e sistemático não permite um conhecimento profundo da situação do sistema fonético do português falado em Angola. (Undolo, 2016: 144). Por outro lado, Raposo et ali (2013, citado por Undolo, 2016: 144) referem que “no conjunto de estudos já disponíveis sobre o PA, quase não figuram pesquisas sobre os aspectos fónicos que o distinguem do PE”.

3.4.1.1. Actividades programadas

A partir da população em estudo, identificámos os problemas linguísticos acima citados. Com vista a esclarecer as causas destes problemas (interferência do kikongo no português falado em Luanda, BP), elaborámos um plano analítico (cf. apêndice III). O referido plano será uma proposta a ser apresentado a alunos do Subsistema da Formação de Professores¹⁷, a estudantes do

¹⁷ O Subsistema da Formação de Professores consiste em formar docentes para a Educação Pré-Escolar e para o Ensino Geral, nomeadamente a Educação Regular, a Educação de Adultos e a Educação Especial. Este subsistema realiza-se após a 9.ª classe, com uma duração de quatro anos em Escolas Normais (Magistério Primário e Escolas de Formação de Professores do 1.º Ciclo do Ensino Secundário).

curso de Português dos institutos superior pedagógico¹⁸ e a cursos de agregação pedagógica¹⁹. De acordo com o Azevedo, quem ensina a Língua Portuguesa deve descobrir estas causas e procurar solução para a sua erradicação e dirigir o processo de ensino-aprendizagem para rumos favoráveis: “A descoberta dessas causas por certo ajudará o professor na sua intervenção” (Azevedo, 2000: 68 citado por Quivuna, 2013: 89).

Muitos professores, que estão à frente de alunos com estes problemas linguísticos, desconhecem o funcionamento da língua Kikongo e, conseqüentemente, não conseguem descobrir as causas destes desvios gramaticais. Se não estão em condições da descoberta destes desvios, também não estão em condições da sua correcção, da sua exemplificação e comparação.

O professor de Português, na sua relação com a LNOA ou LB, será capaz de ir resolvendo estes problemas de interferência, dotando os seus alunos de vocábulos específicos para cada um destes casos. O professor de Português que não tem noções seguras sobre a LB, limitar-se-á a marcar simplesmente os erros e nada fará para aproximar os alunos da verdadeira língua que se pretende que eles possuam.

Não queremos fazer uma proposta, no plano de aula apresentado, de um estudo comparativo entre LB e Linguística Portuguesa, mas, por questões de interdisciplinaridade, pretendemos alertar aos professores de Português para o facto de que, muitas vezes, as dificuldades no ensino desta disciplina residem, para além de outros factores, em factos como estes. Há, portanto, uma necessidade de o professor de Português ter uma didáctica baseada no mínimo de conhecimentos de LB, sobretudo na língua que predomina no seio da população da qual é professor.

¹⁸ Ensino Superior Pedagógico destina-se à formação de professores habilitados para exercerem as suas funções, fundamentalmente, no Ensino Secundário e, eventualmente, na Educação Pré-Escolar e na Educação Especial. Para tal, conta-se com escolas superiores pedagógicas e os ISCED-Institutos Superiores de Ciências da Educação-presente em várias províncias de Angola, com diversos cursos e vocacionado para a preparação de futuros docentes.

¹⁹ Em Angola, existem professores que leccionam sem terem frequentado nenhuma instituição de formação de formadores. Portanto, o curso de agregação pedagógica visa dotar o professor de metodologias eficazes e eficientes no seu exercício, contribuindo para a elevação da qualidade do processo docente- educativo. Nele, o professor aprende diversos elementos, como: avaliação da aprendizagem, didáctica, metodologia de ensino, comunicação educativa, uso das tecnologias de informação e comunicação no processo de Ensino e Aprendizagem, elaboração de projectos, tendências pedagógicas contemporâneas, elaboração de programa duma disciplina, estratégia na formação de habilidades Profissionais...

O esclarecimento destas diferenças aos alunos, as mudanças que devem fazer da sua língua materna para a língua de escolaridade (o Português), constituem um pressuposto didáctico importante no ensino e êxito do Português para um grupo de alunos, cuja maioria encontra esta língua pela primeira vez na escola.

Estamos solidários com a posição do Ministério da Educação do nosso país de querer retomar o funcionamento do Instituto de Línguas Nacionais. Isto ajudar-nos-á, se for implementado, a ultrapassar pesadas dificuldades no ensino do Português, uma língua que se quer expandir, com bom conhecimento, por toda a nação. Importa, porém, fazê-lo com perícia, com método e não com preconceitos.

3.4.2. Problemas culturais

Situação difícil, mas não impossível, foi compreender alguns procedimentos culturais do povo em estudo, difícil porque:

a) Na cultura bakongo, o morto não é enterrado por uma só pessoa. Esta responsabilidade recai sobre toda a família e toda a sociedade, por isso, é colocada a tigela das contribuições²⁰. A tigela é uma demonstração forte do espírito de solidariedade dos bakongo no que diz respeito à morte, por esta razão é designada de caixa de solidariedade. A tigela está presente em todos os óbitos, excepto em óbito de uma criança recém – nascida, tal como visto por nós no óbito A. Nesse caso, as contribuições são passadas directamente aos primogénitores da criança.

Para além dos valores monetários, como visto no óbito B, algumas pessoas contribuíram com cobertores e lençóis. Por outro lado, nos dois óbitos, os géneros alimentícios, os trabalhos domésticos do óbito e ainda as presenças nos óbitos eram contadas como contribuições.

b) Nos dois óbitos, durante a realização de rituais, foi colocada uma mesa ao centro, ao redor da mesma estava sentada os responsáveis do *kise* (a família ou parte paterna) e da *kanda* (a família ou linhagem materna). Outrossim, os homens sentavam num lado e as mulheres noutra, consoante o seu *kise* e *kanda*; O mesmo acontecia com os lugares onde as pessoas pernoitavam (dormiam). A indicação de lugares, para as pessoas, era feita conforme à aldeia de proveniência.

²⁰ A responsabilidade de colocar a tigela recai à parte paterna do (a) falecido (a), cf. nota de rodapé nº 10.

c) A responsabilidade de resolver os problemas recaia aos homens (visto nos dois óbitos A e B).

As mulheres não resolvem problemas, elas próprias diziam: “*mono i kento, kilendi tana nkombo ku*” (eu sou mulher, não posso retalhar o cabrito). A interpretação é “sou mulher, não posso estar a frente para resolver problemas” (traduzido e interpretado por Pedro Kinanga Kiala Vanga).

d) Ao longo da resolução de problemas, os bakongo batem palmas. As palmas demonstram sinal de respeito ou de obediência. Nos dois óbitos assistidos, batiam-se as palmas antes da tomada de palavras, bem como agradeciam as boas palavras e/ ou provérbios com palmas.

e) O (a) viúvo (a) é entregue à sua família. No óbito B, a viúva foi entregue à sua família. O chefe de família (*mfumu kanda*) do falecido segurou a viúva, fê-la rodar três vezes, depois a entregou ao seu *mfumu kanda*.

f) De acordo com o pensamento dos bakongo, a herança é tudo aquilo que pertencia ao defunto, incluindo mulher ou marido e filhos²¹. A herança é da família materna do falecido, ou seja, da *kanda*, fundamentalmente do *mfumu kanda*. A respeito desta questão, Altuna (2006: 110) diz: “o estatuto social e os bens herdaram-se por linhagem materna”.

O chefe da família (*mfumu kanda*) do óbito B, como herdeiro principal dos bens do falecido, foi quem fez a partilha dos mesmos.

g) Os bakongo não concebem a morte de uma criança, adolescente, jovem ou mesmo de um adulto. Nos óbitos A e B, apareceram pessoas que sugeriam a consulta de quimbandeiros, para se descobrir o causador das mortes. Mas com a influência do cristianismo esta prática não se concretizou. Entregaram tudo a Deus através da oração.

h) Durante a realização do enterro dos dois óbitos, os choros eram acompanhados com envio de recados aos antepassados. Segundo os nossos entrevistados, os mortos escutam o clamor dos seus entes queridos.

²¹ Quando morre o marido ou a mulher, o cônjuge vivo deve apresentar ao *kise* e à *kanda* do falecido tudo que pertencia ao falecido.

Como nos referimos atrás, foi difícil compreender estes procedimentos culturais, que ao longo das investigações achávamos ser problemas, mas graças ao esclarecimento dado pelos nossos informantes compreendemos que são procedimentos culturais praticados pelos bakongo ao longo dos rituais de óbito.

3.5. Noção bakongo de provérbio expressa pelo povo

No âmbito da procura da definição de provérbio, não deixámos de lado a noção de provérbio expressa pelo povo em estudo. Esta noção fomos buscá-la a partir dos nossos entrevistados.

Segundo nosso entrevistado Pedro Kinanga Kiala Vanga, o provérbio “é uma ferramenta que permite uma boa interpretação dos factos, é transmitida às novas gerações durante a resolução de problemas”.

Já, Jaime Cândido afirma que “o provérbio é um meio usado para transmissão de conhecimento e de troca de experiência, transmite-se do velho para o novo (novas gerações). Serve para a educação de novas gerações e para a reeducação dos mais velhos”.

Para o Daniel Onde, “o provérbio é uma frase curta, encurta a conversa de uma forma inteligente, esclarece um determinado assunto e convence uma determinada pessoa chateada”.

De acordo com Mbenza Muanza, “*Ingana* (em português provérbios): provérbios são lições de sabedoria, transmitem conhecimentos e ditam as normas de conduta. São usados para tratar de assuntos de alambamento, óbito, nascimento de uma criança...”

Na opinião do Fernando Miguel, “o provérbio serve para dar solução a um problema familiar e/ ou da comunidade. Também é usado como meio de educação e transmissão de valores e crenças”.

Na análise feita da definição de provérbios (cf. pág. 5) e da noção tradicional (expressa pelo povo, como vimos nesta secção), constatámos que:

a) A definição da perspectiva científica converge com a noção tradicional de provérbio no que diz respeito à brevidade e à lógica que os provérbios possuem, bem como a maneira que são transmitidas;

b) A definição dada pela Ana Paula Gonçalves Santos, perspectiva científica, converge com todas as definições dos nossos entrevistados. Nesta autora, encontramos o essencial que cada um dos nossos entrevistados disse à volta de provérbios ao defini-los.

c) A definição da perspectiva científica refere que os provérbios não têm data, nem autor, este aspecto não foi identificado na noção tradicional de provérbio;

d) Na noção tradicional, os provérbios são usados para tratar de assuntos de alambamento, óbito, nascimento de uma criança..., este aspecto não é focado na perspectiva científica;

e) A definição de autores refere que os provérbios podem ser usados com fins didáticos (ensino formal). Já, para os entrevistados, os provérbios servem para educação de novas gerações e para a reeducação dos mais velhos (ensino informal).

CAPÍTULO IV: PROVÉRBIOS NO ENSINO PRIMÁRIO ANGOLANO

4.1. Sistema de ensino angolano

Angola, nome derivado de Ngola, sede do reino de Ngola, é um país da África Austral com um território de 1.246.700 km². É um país plurilinguístico onde o português é considerado a língua oficial e de comunicação entre os angolanos, apesar de existirem outras línguas (LNOA) como por exemplo: Umbundu, Kimbundu, Kikongo, Tchokwe, N'gangela...

No apogeu da ocupação colonial portuguesa e a consequente institucionalização do ensino formal, as LNOA foram marginalizadas. A partir deste princípio, o ensino apresentava como característica fundamental a segregação racial e discriminatória. O sistema de ensino era frequentado maioritariamente pela população de origem europeia e uma minoria angolana que usufruía do estatuto da classe de assimilado (aqueles que tinham absorvido hábitos do colonizador). A esmagadora maioria da população autóctone não tinha acesso ao ensino.

No entanto, informa Fernando Cristóvão et alli (2005: 85), que a partir de 1962, com o recrudescimento de movimentos de reivindicação, manifestações, descontentamento generalizado e prenúncio do conflito armado para a emancipação do Povo Angolano, o governo português incrementou a construção de infra-estruturas escolares e generalizou o ensino à população nativa que apresenta os seguintes resultados:

- Construção massiva de escolas primárias e secundárias;
- Implementação de Estudos Gerais Universitários de Angola – constituída pelas universidades de Luanda, Universidade de Angola (actual Universidade Agostinho Neto).

A proclamação da independência nacional em 1975 constituiu um dos marcos históricos para o desenvolvimento de um sistema educativo virado para a satisfação dos anseios da população autóctone, depois de longos quinhentos anos sob domínio do regime colonial português. Em 1977, transcorridos dois anos de independência, o país adoptou um novo sistema de educação e ensino (incrementado em 1978), assente nos seguintes princípios fundamentais:

- Maior oportunidade de acesso à educação e à continuidade de estudos;

- Igualdade de oportunidades no acesso à escola;
- Gratuitidade e obrigatoriedade do ensino de base para todos;
- Laicidade do ensino devido a sua independência da religião.

Este sistema era constituído por um ensino geral de base de oito classes (das quais as quatro primeiras, obrigatórias), por um ensino pré-universitário com seis semestres, um ensino médio de quatro anos (com dois ramos, técnicos e normal) e um ensino superior.

Em 2001, segundo o relatório do Conselho de Ministros, surgia a necessidade de gizar estratégias para o desenvolvimento de reformas profundas do sistema geral da educação.

A reorientação da política socioeconómica do país de tendência socialista para a plataforma de economia de mercado impulsionou a implementação de uma nova Reforma Educativa em 2001, com o objectivo de adequar o ensino a esta realidade.

Neste contexto, a RE/ 2001, que consta da Lei de Bases do Sistema de Educação Lei nº 13/01, de 31 de Dezembro, criou o Sistema Unificado estruturado do seguinte Subsistema de Ensino:

- a) Subsistema de Educação Pré-Escolar – creche e jardim infantil;
- b) Subsistema de Ensino Geral – (estruturado em dois níveis: Ensino Primário e Ensino Secundário) – o Ensino Primário unificado é feito em seis anos (da 1ª a 6ª classes). O Ensino Secundário com dois ciclos de três classes cada: I ciclo – 7ª, 8ª e 9ª classes e o II ciclo – 10ª, 11ª e 12ª classes;
- c) Subsistema de Ensino Técnico-Profissional – formação profissional básica (6ª classe), é regida por regulamento específico e a formação média técnica, 3 anos após a 9ª classe;
- d) Subsistema de Formação de Professores²² – formação média em escola de formação de professores e o ensino superior pedagógico;
- e) Subsistema de Educação de Adultos – ensino primário (alfabetização e pós-alfabetização) e o ensino secundário (I e II ciclos);

²² Cf. nota de rodapé nº 17.

f) Subsistema de Ensino Superior – graduação (bacharelato e licenciatura) e a pós-graduação (2 categorias, pós-graduação académica e pós-graduação profissional. A pós-graduação académica tem 2 níveis: mestrado e doutoramento e a pós-graduação profissional compreende a especialização).

Assim, o sistema de educação estrutura-se em três níveis: a) primário; b) secundário; c) superior.

Para além destes subsistemas, conta-se igualmente com a Educação Especial, Ensino Particular e a Educação Extra-Escolar.

Interessa-nos, para o presente trabalho, o subsistema do Ensino Geral, especificamente o Ensino Primário de seis classes (básico e obrigatório). O ensino neste nível é administrado na Língua Portuguesa²³, mas está em experimentação o ensino de algumas LNOA²⁴. Para materializar os actuais objectivos do EP, surge uma orientação de toda a acção pedagógica para o aluno, com base no desenvolvimento de atitudes e de valores, considerando a multiplicidade de culturas e de variações etnolinguísticas presentes no país. É neste nível de ensino que se determina, em grande parte, o futuro dos alunos, ao tratar-se de uma escolaridade obrigatória traz ainda maiores responsabilidades à escola e aos professores (Ministério da Educação, 2003).

A Lei de Bases determina, no seu artigo 18º, que o Ensino Primário tem os seguintes objectivos:

- a) Desenvolver e aperfeiçoar o domínio da comunicação e da expressão no aluno;
- b) Aperfeiçoar hábitos e atitudes tendentes à socialização;
- c) Proporcionar conhecimentos e capacidades de desenvolvimento das faculdades mentais;
- d) Estimular o espírito estético com vista ao desenvolvimento da criação artística;

²³ A actual Constituição de Angola, no seu Artigo 19º, destaca a posição do Português como língua oficial.

²⁴ Em declaração à Imprensa, o Director Geral do INIDE, David Chivela, sublinhou que, numa primeira fase, as línguas nacionais vão ser leccionadas até à terceira classe. Estão a ser formados professores de Kimbundu, Kicongo, Nhaneka-Humbe, Umbundo, Nganguela, Ochikuanhama e Cokwe. “Entendemos que devemos ir devagar e com segurança, por isso, estamos a formar os professores para não deturparmos o real valor, o papel e a influência das línguas nacionais”, destacou David Chivela (cf. Jornal de Angola, 9 de Novembro de 2011).

e) Garantir a prática sistemática de educação física e de actividades gimnodesportivas para o aperfeiçoamento das habilidades psicomotoras (Lei de Bases do Sistema Educativo, 2001: art.º 18º).

Outrossim, no EP, a reforma ampliou a monodocência até o sexto ano e introduziu novas disciplinas no currículo.

Para o Ministério da Educação (2001), a monodocência é um modelo de docência característico da organização pedagógica do ensino primário em que um só professor lecciona todas as áreas ou disciplinas curriculares. Em outros termos, na monodocência existe apenas um único professor que lecciona todas as disciplinas. Isaías (2013: 45) afirma que “a monodocência é um regime educativo em que um mesmo educador, monitor, professor ou mestre, se ocupa de um certo grupo de educandos, alunos e estudantes, dando-lhes todas as disciplinas necessárias para a sua formação”.

As políticas educacionais implementadas em Angola consideram que o professor monodocente seria um sujeito capaz de apropriar-se e articular os conhecimentos básicos das diferentes áreas do conhecimento que compõem actualmente a base comum do currículo nacional dos anos iniciais do ensino primário, desenvolvendo um trabalho interdisciplinar.

Na monodocência o professor acompanha a evolução de cada criança, conhecendo as suas particularidades, o que contribui para adequação do ensino às necessidades das crianças neste nível. Portanto, esta modalidade de organização do ensino ajuda o professor efectivar a avaliação do percurso escolar de cada criança, ao mesmo tempo facilita a colaboração entre escola e os responsáveis pela educação do aluno e as famílias (INIDE, 2004).

Relativamente às novas disciplinas curriculares introduzidas, foram definidas um conjunto de disciplinas consideradas que, segundo os peritos do “MED (2004) e do INIDE (2004)”, são fundamentais para o desenvolvimento harmonioso dos alunos neste nível. Para além das tradicionais disciplinas, como Língua Portuguesa, Matemática, Geografia e História foram introduzidas as disciplinas de Estudo do Meio (no lugar de ciências), Educação Moral e Cívica, Educação Manual e Plástica, Educação Musical e Educação Física no primeiro ano do ensino primário (INIDE, 2004). As mesmas disciplinas foram introduzidas nos segundo, terceiro,

quarto, quinto e sexto anos do ensino primário com igual carga horária, como exposto no quadro seguinte.

4.2. Plano de estudos do Ensino Primário

Para o ensino Primário definiu-se um conjunto de dez disciplinas consideradas fundamentais para o desenvolvimento harmonioso e multifacético das crianças, distribuídos em função ao nível de escolaridade que a seguir apresentamos (cf. Reforma Curricular/INIDE/2003).

DISCIPLINAS	HORARIO SEMANAL					
	1ª classe	2ª classe	3ª classe	4ª classe	5ª classe	6ª classe
Língua Portuguesa	9	9	9	9	8	8
Matemática	7	7	7	7	6	6
Estudo do Meio	3	3	3	3		
Ciências da Natureza.					4	4
História					2	2
Geografia					2	2
Educação Moral e Cívica					2	2
Educação Moral e Plástica	2	2	2	2	2	2
Educação Musical	1	1	1	1	1	1
Educação Física	2	2	2	2	2	2

Do plano de estudos apresentado, no quadro acima, constatámos o seguinte:

A: Disciplinas e carga lectiva semanal

1. Nas quatro primeiras classes existem 6 disciplinas com uma carga horária semanal uniforme de 24 tempos lectivos.

2. Nas duas últimas classes existem 9 disciplinas com uma carga horária semanal uniforme de 29 tempos lectivos.

B: Disciplinas e carga lectiva anual por classe

1. Língua Portuguesa - para as quatro primeiras classes e considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas terá para cada classe 270 tempos lectivos; Para as duas últimas classes teremos 240 tempos lectivos por classe.

2. Matemática - para as quatro primeiras classes e considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas terá para cada classe 210 tempos lectivos; Para as duas últimas classes teremos 180 tempos lectivos por classe.

3. Estudo do Meio - para as quatro primeiras classes e considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas terá para cada classe 90 tempos lectivos.

4. Ciências da Natureza - para as duas últimas classes terá 120 tempos lectivos por classe.

5. História - para as duas últimas classes terá 60 tempos lectivos por classe.

6. Geografia - para as duas últimas classes terá 60 tempos lectivos por classe.

7. Educação Moral e Cívica - para as duas últimas classes terá 60 tempos lectivos por classe.

8. Educação Manual e Plástica - para as seis classes e considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas terá 60 tempos lectivos por classe.

9. Educação Musical- para as seis classes e considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas terá 30 tempos lectivos por classe.

10. Educação Física- para as seis classes e considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas terá 60 tempos lectivos por classe.

C: Carga lectiva anual por classe

1. Considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas, nas quatro primeiras classes terá 720 tempos lectivos respectivamente.

2. Considerando um ano lectivo regular de 30 semanas lectivas, para as duas últimas classes terá 870 tempos lectivos respectivamente.

D: Carga lectiva do ensino Primário.

Ao terminar o ensino primário com o ano lectivo estimado de 30 semanas, o plano de estudo prevê uma carga de 4620 tempos lectivos.

4.2.1. Lugar do provérbio em LNOA nos manuais do Ensino Primário

O manual constitui, segundo Leal (2012: 260), “o recurso de que em primeiro lugar os docentes se socorrem em busca de orientações, sugestões ou materiais” sendo ainda, na opinião da referida autora, “um entre os diversos recursos pedagógico-didáticos que os docentes convocam no processo de planificação”. Nele estão reflectidos “os entendimentos dominantes de cada época, relativos às modalidades da aprendizagem e ao tipo de saberes e de comportamentos que se deseja promover” (Vidigal, 1994: 69).

Na análise feita aos “Manuais do Ensino Primário”, identificámos que: (i) no manual de Língua Portuguesa da 4ª classe, primeira parte, identificámos temas relacionados com a tradição oral e as manifestações culturais. Na página nove, deste mesmo manual, identificámos um provérbio em português “Frango que sabe esgaravatar não há-de morrer de fome”; (ii) no manual de Educação Moral e Cívica da 5ª classe, identificámos, na pág. 12, conteúdo relacionado aos provérbios, outrossim, nesta mesma página, o trabalho individual (exercício) incentiva ao estudo de provérbios em LNOA, como se pode ler em Carla Mariana Madeira (s/d: 12)²⁵ “Procuro e escrevo três provérbios que revelam o pensamento dos meus antepassados e que a minha família e eu damos valor a minha família-comunidade. Escolho aquele que mais apreciei e explico o significado que tem para mim e aos meus colegas”.

Nesta análise feita aos manuais, constatámos que não existe um manual específico ou um projecto que versa ao ensino-aprendizagem dos géneros de literatura de transmissão oral em

²⁵ In Manual de Educação Moral e Cívica da 5ª classe: *Eu e os Outros Construimos uma Sociedade Melhor*.

LNOA. Nos manuais de Língua Portuguesa e de Educação Moral e Cívica constatámos que é atribuído um papel aos provérbios em português e aos temas de cultura-tradição angolana de uma forma abrangente.

4.3. Potencialidade didáctica dos Provérbios bakongo

Segundo Pedro Martins²⁶, “o provérbio actua, indubitavelmente, como um instrumento privilegiado para o estudo, não só da língua e da sua componente gramatical, lexical, fonética e semântica, mas também da cultura oral e tradicional da comunidade que lhe está associada. Susceptível de inúmeras aplicações, o provérbio estimula a discussão e análise intercultural em contexto sala de aula, quer através do recurso à tradução literal (quando aceitável) quer através da selecção de equivalentes semânticos (a mais natural) ”.

Reflectindo sobre os provérbios bakongo que propomos no EP (cf. Projecto Pedagógico, capítulo a seguir), poderão constituir um recurso para conhecer a cultura do povo bakongo. Telma Elisabete de Oliveira Duarte (2013: 19) defende “que um ensino que queira cada vez mais aproximar a escola da comunidade em que se insere tem que incorporar necessariamente a valorização das raízes da sua cultura. Trazer os provérbios até às nossas salas de aulas contribuirá, assim, para a divulgação e preservação da nossa cultura popular e literária, o que, consequentemente, contribuirá para desenvolver a consciência e identidade cultural dos nossos alunos”. Nessa direcção, Luiz Jean Lauand (2000)²⁷ Considera que uma forma de compreender uma cultura é aprender seus provérbios.

Entretanto, ao fazermos referência à cultural bakongo nas nossas salas de aulas, não queremos dizer que estamos a promover os elementos desta cultura em detrimento de outras. O importante nessa coexistência de culturas diversificadas, como nos recomenda Galisson (1999) citado por Quivuna, 2014: 98, é necessário “que se cultive um clima de aprendizagem na qual elementos culturais oriundos de diferentes pontos do país e/ou do mundo sejam inclusos na aula para permitir uma interacção didáctica contínua, interessante e animadora que convide todos os

²⁶ MARTINS, P. (2010). *Do Provérbio em Contexto Didáctico: Proposta de Trabalho*. Universidade de Siena (Itália), Paremia. Pp. 95-104.

²⁷ *Provérbios e educação moral – a filosofia da educação de Tomás de Aquino e a pedagogia do Mathal*. Disponível in <http://www.deproverbio.com/DPbooks /LAUAND/1.htm>

alunos ao exercício da aprendizagem”. De igual modo, o provérbio constitui ainda uma forma de união e coesão entre os alunos da mesma turma, uma vez que a capacidade de mencionar um provérbio e de saber que, sem grandes explicações, esse será entendido pelos seus companheiros cria uma sensação de pertença, tal como atesta Ana Maria Vellasco (2000: 141) quando defende que “na compreensão e na percepção da citação proverbial o (a) interlocutor (a) também sinaliza a sua aceitação e a sua identificação com o falante e o grupo em questão”. Além disso, caso haja, numa mesma turma, alunos de proveniências diferentes, a utilização do provérbio enquanto instrumento pedagógico permitirá que os alunos de outras culturas mencionem esse mesmo provérbio, caso existe também nas suas línguas, e accionará o diálogo intercultural, tão importante na descoberta e aceitação do outro.

Por outro lado, pensamos que seria importante fazer uma aproximação aos provérbios imediatamente a partir do nível de iniciação, integrando-os paulatinamente nas nossas aulas. Assim sendo, o trabalho de recolha, tradução e interpretação de provérbios (junto dos seus pais, tios, avós ou um mais velho da família e/ ou comunidade) que se pretenderá levar a cabo poderá:

a) Contribuir para fomentar um maior contacto entre os alunos e outros familiares, nomeadamente os familiares mais velhos, que, detentores de uma competência paremiológica normalmente bastante activa, poderão partilhar o seu saber com as crianças e/ ou os adolescentes. Os provérbios tornar-se-iam, assim, mediadores entre o meio em que os alunos se inserem e a escola. Pretende-se, por outro lado, desvincular os alunos da ideia de que só os mais velhos utilizam os provérbios (cf. Maria Helena Sereno, 2002: 83).

b) Promover o uso regular e autónomo do dicionário e da gramática. Estes instrumentos permitirão que o aluno desenvolva um trabalho mais autónomo e que não dependa unicamente do auxílio do professor.

c) Implicar que os alunos transportem à sala de aula conhecimentos que já possuem, tornando-os agentes (e não meros receptores) na construção do seu próprio conhecimento, como comprova Helena Vaz Duarte (2006: 35) “o provérbio é um conhecimento que, quer de forma passiva quer de forma activa, todos possuímos em maior ou menor grau”. A este propósito, estamos totalmente de acordo com Leonor Melo (2002: 111), que defende que devemos “aproveitar os recursos linguísticos dos nossos alunos” e “dar-lhes oportunidade de intervir

directamente na sua formação e sentir que o seu conhecimento será a base para as novas aprendizagens”. Essa sua implicação activa no processo de ensino e aprendizagem criará aprendizagens mais significativas e contribuirá para que ampliem a sua competência comunicativa.

Outrossim, trabalhar com os provérbios bakongo será importante, pois os provérbios são parte indispensáveis do léxico da língua e funcionam como uma ferramenta no discurso. Por tanto, é relevante que se aproveite os provérbios utilizados pela própria comunidade, pois, sendo assim, o estudo do léxico se tornará mais interessante e atractivo para as crianças, que poderão reconhecer os provérbios como parte da língua utilizada em seu meio e utilizá-los de forma a contribuir para o seu melhor desempenho na comunicação.

No que diz respeito ao estudo dos aspectos estruturais, os provérbios também emprestam grandes contribuições para a análise de questões gramaticais, de forma contextualizada. Para Côrtes (2008: 25): “Os provérbios muitas vezes não seguem as regras da sintaxe tradicional, em alguns casos podemos encontrar esta ordenação na construção das frases, mas maioritariamente a disposição das palavras se apresenta de maneira totalmente incompleta ou inversa”. Essa diversidade de formulação permite um estudo da língua em seus diferentes usos e estruturas. Como exemplos, podemos citar: a) concordância verbal: “Os bons morrem cedo, os maus morrem tarde” (cf. a tradução do provérbio nº 2); b) pronominalização: “O garfo do meu filho tem importância, preciso-o” (cf. a tradução do provérbio nº 25); c) formas verbais no presente do indicativo: “O pinto chora a vida, não chora a perda das panas” (cf. a tradução do provérbio nº 19); d) variação linguística- dimensão semântica: “A criança que chora é que mama “ (cf. provérbio nº 20).

Em todo este processo de inclusão do texto proverbial bakongo no EP, o professor desempenha um papel fundamental, como defende Telma Elisabete de Oliveira Duarte (2013: 17) “é a ele que cabe a tarefa de seleccionar os provérbios que considere mais significativos, de definir que estratégia utilizar, em que momento o fazer e que actividades serão mais adequadas aos alunos que tem em frente, entre outros”. Por outro lado, a falta de material pedagógico, em torno dos provérbios em LB, obrigará que o professor tenha que criar, desde a raiz, a sua própria base de exercícios.

CAPÍTULO V: PROPOSTA ETNO-DIDÁTICA: A APLICAÇÃO DOS PROVÉRBIOS BAKONGO NO ENSINO PRIMÁRIO

5.1. Justificação da proposta

A questão sobre o domínio de provérbios de resolução de assuntos de alambamento, nascimento de uma criança, problemas conjugais, roubos, óbitos... tem merecido o pronunciamento de diferentes actores dos mais variados sectores da sociedade angolana. Verifica-se um sentimento generalizado sobre a falta de domínio de provérbios em LNOA por parte dos jovens. Em torno disto, instaurou-se um círculo vicioso de acusações. Os adultos culpam as novas gerações (jovens) por estes não mostrarem interesse em aprendê-los, as novas gerações culpam os adultos por estes não mostrarem interesse em ensiná-los (transmiti-los) e todos culpam o Estado (escola) por não promover e incentivar a prática da literatura de transmissão oral.

Com vista a incentivar o interesse aos provérbios em LNOA, de modo particular em kikongo, propomos o PP denominado “PROBEA” - Provérbios Bakongo: Ensino e Aprendizagem. Na verdade, este projecto foi concebido com vista a capacitar os professores das escolas aderentes e estudantes do Subsistema de Formação de Professores²⁸. Por sua vez, este grupo de formandos aplicará os conhecimentos obtidos a alunos da 4ª e 5ª classes do EP. Pensamos ser importante ensinar os provérbios desde este nível de ensino, tendo em conta as afirmações de Ruth Vázquez Fernández e Isabel Bueso Fernández (1998: 732) “es posible hacerlo desde los primeros niveles, pues si enseñamos vocabulario desde el primer día de clase”.

Por outro lado, o PP tende responder a recomendação do quadro europeu comum de referência para as línguas. O quadro descreve a competência lexical enquanto conhecimento e capacidade de utilizar o vocabulário de uma língua, incluindo “expressões fixas” (provérbios), e a competência sociolinguística enquanto conhecimento e capacidade para lidar com a dimensão social do uso da língua com destaque para as “expressões de sabedoria popular” (provérbios) (Conselho da Europa, 2001: 159, 169).

²⁸ Os professores e estudantes interessados poderão inscrever-se ao projecto (formação).

5.2. Descrição do projecto e do plano de actividades

5.2.1. Projecto Pedagógico

I- Identificação Geral do Projecto

Título: PROBEA - Provérbios Bakongo: Ensino e Aprendizagem

Instituição: Por indicar

Palavras-chave: Provérbios, Ensino, Literatura oral.

Público: Professores e estudantes.

Local de realização: Escolas aderentes.

Coordenador (a): Kiala Vanga

Formadores: Por indicar

Título/Cargo/Função do coordenador: Assistente de Investigação

Endereço para contacto: Escola Superior Pedagógica do Bengo

Telefone (s) de trabalho:

Telemóvel:

Correio electrónico: kialavanga221@gmail.com

II- Identificação do projecto

2.1. Objectivos:

- Reflectir sobre funcionamento da língua Kikongo;
- Demonstrar como os provérbios são aplicados nas manifestações culturais do grupo étnico kongo, bem como a potencialidade didáctica dos mesmos;

- A partir do texto proverbial em kikongo, planificar aulas (elaboração de sequências didáticas), com vista a implementar práticas pedagógicas e didáticas inovadoras do ensino-aprendizagem do PLM e LNM.

2.2. Metodologia de execução do projecto

2.2.1. Actividades

- Reflexão sobre as potencialidades didáticas de provérbios, bem como a importância do uso dos mesmos nas manifestações culturais dos bakongo;

- Elaboração de sequências didáticas.

2.2.2. Estratégias

- Trabalhos em grupos;

- Aulas simuladas, bem como análise crítica das mesmas.

2.3. Resultados esperados

- Potenciamento de habilidades etno-didáctica aos participantes;

- Interação sociocultural entre os participantes;

- Elaboração de um manual sobre a aplicação didáctica dos provérbios em LNOA – Kikongo.

5.2.1.1. Planificação de aulas

5.2.1.1.1. Sequência didáctica com texto proverbial bakongo com foco na leitura

Segundo Joaquim Dolz et alli (2004: 52), as Sequências Didáticas “são instrumentos que podem guiar professores, propiciando intervenções sociais, acções recíprocas dos membros dos grupos e intervenções formalizadas nas instituições escolares, tão necessárias para a organização da aprendizagem em geral e para o progresso de apropriação de géneros em particular (...). A criação de uma Sequência de actividades deve permitir a transformação gradual das capacidades iniciais dos alunos para que estes dominem um género e que devem ser consideradas questões

como as complexidades de tarefas, em função dos elementos que excedem as capacidades iniciais dos alunos". Desta forma, uma sequência didáctica é um conjunto de actividades escolares organizadas de maneira sistemática, em torno de um género oral ou escrito.

As sequências didácticas, aqui apresentadas, servirão de modelo de aulas a serem planificadas em grupos de trabalho. As mesmas podem sofrer alterações em função das propostas dos integrantes de cada grupo.

Estrutura das aulas

Classes: 4^a e 5^a

Unidade temática 1: A comunidade e a sociedade

Texto 1: Sobre a comunidade

Texto 2: Angola

Texto 3: As Nossas Manifestações Culturais

O que os alunos poderão com esta unidade temática:

- a) Utilizar a leitura e a escrita para conhecer as manifestações culturais dos grupos étnicos de Angola;
- b) Identificar a importância do uso de provérbios no quotidiano, bem como na resolução de problemas que o grupo em estudo encerra;
- c) Despertar interesse de interacção com os mais velhos;
- d) Promover o uso do dicionário e da gramática.

Estratégias e recursos da aula

As estratégias a serem utilizadas são:

- a) Aulas interactivas;
- b) Trabalhos individuais e em grupos.

Primeira aula

A. Actividade antes da leitura

Professor: O professor iniciará as actividades apresentando e questionando oralmente os alunos sobre o título do texto.

1. Antecipar informações e activar conhecimentos prévios sobre o texto

Vamos ler um texto cujo título é “*Sobre a comunidade*”.

- a) O que você entende deste título?
- b) O que é uma comunidade?
- c) O que é que podemos encontrar numa comunidade?

Professor: Depois do diálogo, considerando as provocações propostas, se houver necessidade, o professor explicará o que é uma comunidade.

B. Actividades durante a leitura

Professor: O professor pedirá aos alunos que abram o livro de leitura na página oito e os convidará a fazerem uma leitura silenciosa. Terminada a leitura silenciosa, o professor chamará a atenção dos alunos para acompanharem a leitura, que ele fará em voz alta.

1- Apresentação do texto e leitura

Texto: *Sobre a Comunidade*²⁹

Faz uma pesquisa sobre a história da tua comunidade.

Para obteres informações, podes entrevistar os teus avós ou outros mais velhos membros da tua comunidade, que conhecem a sua história. Depois preencha uma ficha com os dados seguintes:

- a) Figuras históricas locais;

²⁹ In *Língua Portuguesa*, 4ª classe, pág. 8

- b) Origem da Localidade (como e quando se formou a localidade);
- c) Nomes das ruas principais;
- d) Habilitações antigas;
- e) Monumentos;
- f) Tradição oral;
- g) Factos e datas importantes para a localidade;
- i) Principais actividades socioeconómicas;
- j) Culinária;
- k) Festas tradicionais;
- l) Trajes regionais;
- m) Cantos e danças;
- n) Artesanato;
- o) Costumes.

Professor: Após a leitura do texto em voz alta pelo professor, este provocará e mediará a discussão com os alunos, dando oportunidade a todos que queiram manifestar-se. É importante verificar se o texto fornece elementos que confirmem todas as afirmações mencionadas. A proposta é que as actividades durante a leitura sejam feitas apenas oralmente.

C. Actividades depois da leitura

2. Localizar informações explícitas no texto

Do que fala o texto?

Quais são as figuras históricas da sua comunidade?

Quais os nomes de ruas que você conhece?

Existe uma habitação antiga na sua comunidade? Qual?

Quais as datas mais importantes da sua comunidade?

Quais os pratos preferidos da sua comunidade?

3. Perceber as implicações da escolha do texto

Com base ao tema da nossa aula, quais elementos que fazem parte do nosso folclore?

Qual é a recomendação ou a ideia presente neste texto?

Você já viu ou ouviu falar de tradição oral?

D. Actividades para casa

Professor: O professor orientará os alunos para uma análise mais crítica do texto, podendo contar com ajuda dos seus avós, pais ou um outro mais velho para o preenchimento dos itens f, k, m e o são propostas de actividades escritas.

Segunda aula

A. Actividades antes da leitura

Professor: convidará os alunos a apresentarem os resultados da actividade de casa. Os alunos ditarão os dados preenchidos, enquanto o professor os escreve no quadro, com excepção dos repetidos. Novamente o professor, perguntará aos alunos se existe alguma palavra desconhecida, caso exista serão destacadas. Far-se-á uma discussão breve sobre os possíveis significados de algumas palavras e, na sequência, partir-se-á à pesquisa nos dicionários. Com muitos elementos do folclore angolano em mãos, chegará a hora de interpretá-los. Com esta actividade os alunos deverão entender a importância dos mesmos na sociedade.

1. Antecipar conhecimentos sobre o tema ou sobre a ideia principal

Professor: Iniciará as actividades informando o título do texto ” Vamos ler um texto cujo título é: *Angola*”. Em seguida, questionará os alunos sobre o texto:

O que este título sugere?

Será que este texto falará da história de Angola? Sobre o período colonial, pós-colonial...?

Professor: Depois do diálogo, considerando as provocações propostas, caso haja necessidade, fará uma pequena incursa sobre Angola.

B. Actividades durante a leitura

Professor: Pedirá aos alunos que abram o livro de leitura na página nove e os convidará a fazerem uma leitura silenciosa. Terminada a leitura silenciosa, o professor chamará a atenção aos alunos para acompanharem a leitura, que ele fará em voz alta.

1- Apresentação do texto e leitura

Texto: *Angola*

Angola é um país grande e belo. Faz parte do continente africano. Pela sua extensão, é dos maiores países de África.

Tem grandes florestas, onde a luz do Sol não penetra, savanas imensas cobertas de capim e desertos onde só há área e pedras.

O seu mar, abundante em peixe, forma praias maravilhosas de areia branca e coqueiros encurvados.

Os seus rios, numerosos, ora calmos ora agitados, cortam o nosso país em todo os sentidos.

No seu solo cultivam-se variados produtos. Do seu subsolo extraem-se numerosas riquezas.

E o seu povo?

Generoso, trabalhador, aproveita e transforma todas as riquezas para melhorar as suas condições de vida.

Provérbio “Frango que sabe esgaravatar não há-de morrer de fome”

In *Língua Portuguesa*, 4ª classe, pág. 9

B. Actividades depois da leitura

Professor: Após a leitura do texto em voz alta pelo professor, este provocará e mediará a discussão com os alunos, dando oportunidade a todos que queiram manifestar-se. É importante verificar se o texto fornece elementos que confirmem todas as afirmações mencionadas. A proposta é que as actividades durante a leitura sejam feitas apenas oralmente.

2. Localizar informações explícitas no texto

- a) Do que nos fala o texto?
- b) Em que continente esta situado Angola?
- c) Quais são as riquezas do país?
- d) Como é caracterizado o povo angola?

Professor: orientará os alunos para uma análise mais crítica do texto e para a intertextualidade com o texto anterior. O item f será usado como proposta de actividade escrita.

1- Apreciar criticamente o texto

Professor: Em torno ao último parágrafo do texto “ Frango que sabe esgaravatar não há-de morrer de fome”, fará as seguintes perguntas:

- a) Vocês concordam que é um provérbio?
- b) Vocês já ouviram falar de provérbios?
- c) Onde?
- d) Quando?
- e) Quem contou?

Professor: (i) Recordará aos alunos que os provérbios fazem parte tradição oral; (ii) falará da existência dos provérbios em línguas nacionais. E perguntará aos seus alunos se conhecem alguns?

C. Actividades para casa

Professor: Pedirá aos alunos que, durante uma semana, façam a recolha (diante de seus pais, avós ou outro parente adulto) de quatro provérbios em Kikongo usados em cerimónias fúnebres. Depois da recolha, procederão a tradução em língua portuguesa e ditarão o valor que os mesmos representam na resolução de problemas de óbito.

Terceira aula

A. Actividades antes da leitura

Professor: (i) pedirá aos alunos que passem ao quadro os provérbios recolhidos em kikongo; (ii) pedirá aos alunos que realizem a leitura de cada provérbio em voz alta, visando o contacto com a língua kikongo e a aprendizagem de provérbios desta língua; (iii) perguntará aos alunos sobre as dificuldades encontradas na escrita e na leitura dos provérbios. Caso haja, fará uma abordagem para o esclarecimento das dificuldades apresentadas; (iv) pedirá aos alunos que traduzem e interpretem para o português os provérbios.

Com esta actividade, os alunos deverão entender a importância dos mesmos na resolução de problemas de rituais de óbitos e não só.

1. Antecipar conhecimentos sobre o tema

Professor: O professor iniciará as actividades informando o título do texto "*As Nossas Manifestações Culturais*".

Professor: Tendo em conta as aulas anteriores, fará algumas perguntas aos alunos:

- a) O que este título sugere?
- b) O que é vocês entendem de cultura?

c) Quais as nossas manifestações culturais que já abordamos?

Professor: Depois do diálogo, considerando as provocações propostas, caso haja, explicará o que é a cultura e quais as manifestações culturais de Angola.

B. Actividades durante a leitura

Professor: Pedirá aos alunos que abram o livro de leitura na página 11 e os convidará a fazerem uma leitura silenciosa. Terminada a leitura silenciosa, chamará a atenção aos alunos para acompanharem a leitura, que ele fará em voz alta.

1- Apresentação do texto e leitura

Texto: *As Nossas Manifestações Culturais*³⁰

Cada sociedade possui um conjunto de tradições, formas de pensar e de agir que se foram acumulados e transmitindo ao longo de gerações e que constituem a sua cultura.

O Homem revela a sua cultura através de actividades diversas. Essas actividades são as manifestações culturais.

São manifestações culturais: a língua, os hábitos de vida, as tradições, as crenças, o vestuário, as festas, a arte, a literatura, a música, o cinema, etc., que no nosso país variam de região, conforme o viver das suas populações, a forma como enfrentam os seus problemas quotidianos e os resolvem. Variam, também, em função dos interesses das pessoas, do seu nível económico e do seu grau de instrução.

Assim, facilmente poderás perceber que, num país como o nosso, onde o território se distribui de formas tão diferentes, onde a população se ocupa de actividades tão diversas, sejam múltiplas as manifestações culturais.

Ao conjunto das manifestações culturais de um povo, que se vão transmitindo e enriquecendo de geração para geração, dá-se o nome de património cultural.

É o património cultural angolano que nos distingue dos outros povos: os museus, a paisagem, o mobiliário antigo, o candeeiro de petróleo, as danças e os cantares do povo, os

³⁰ In *Língua Portuguesa 4ª classe*, pág. 11, Adaptado In *Descobrir a Nossa Terra*, Estudos Sociais.

chafarizes, as particularidades linguísticas, a arquitectura popular, as bandas de música, os utensílios de trabalho, a literatura angolana, enfim, um mundo de coisas que nos rodeia, por isso, todos temos o dever de o proteger, impedindo que desapareça ou seja destruído.

B. Actividades depois da leitura

Professor: Após a leitura do texto em voz alta pelo professor, este provocará e mediará a discussão com os alunos, dando oportunidade a todos que queiram manifestar-se. É importante verificar se o texto fornece elementos que confirmem todas as afirmações mencionadas. A proposta é que as actividades durante a leitura sejam feitas apenas oralmente.

2. Localizar informações explícitas no texto

Professor: fará as seguintes perguntas:

a) Do que nos fala o texto?

b) Quais são as manifestações culturais que o texto destaca?

c) O que é um património cultural? E quais são os que pertencem o seu país?

d) Nas aulas passadas, falamos de provérbios: (a) São manifestações culturais ou património cultural? (b) Onde geralmente são usados os provérbios? (c) Para que servem os provérbios?

Professor: deverá recordar aos alunos, que para além dos provérbios, existem outros elementos que fazem parte da nossa tradição oral.

a) Vocês conhecem alguns?

Os alunos com a ajuda do professor poderão citar todos os géneros de literatura de transmissão oral estudados anteriormente.

Professor: Depois do diálogo, considerando as provocações propostas, caso haja necessidade, explicará de uma forma resumida a importância de cada um dos géneros de literatura de transmissão oral.

5.3. Especificação das fases e/ou etapas do projecto

As actividades desenvolver-se-ão em nove fases:

1ª Fase: Selecção e inscrição de professores e estudantes;

2ª Fase: Apresentação do projecto aos professores e estudantes inscritos;

3ª Fase: Curso de Nivelamento de Língua - Cultura kikongo e Literatura de transmissão oral (4 semanas);

4ª Fase: Constituição das equipas de trabalho e selecção das escolas aderentes;

5ª Fase: Observação da escola (modo de funcionamento da escola): aulas, recreio..., visando os primeiros contactos com a realidade sociocultural e linguístico dos alunos;

6ª Fase: Apresentação do projecto. O projecto será apresentado aos encarregados de educação e aos demais interessados. Por outro lado, os encarregados interessados, que os seus educandos participem às aulas do projecto, poderão inscrevê-los (cf. apêndice V);

7ª Fase: Minистраção de aulas. Plena responsabilidade do professor (aluno-mestre). Os professores trabalharão com alunos inscritos. Os professores serão acompanhados, caso for necessário, pelo coordenador do projecto, que fará a análise crítica e avaliação das aulas ministradas (cf. apêndice VI- grelha de observação das aulas). As aulas serão ministradas duas vezes por semanas, num período oposto das actividades académicas dos alunos;

8ª Fase: Elaboração do relatório final de todas as actividades realizadas;

9ª Fase: Elaboração de um manual sobre a aplicação didáctica dos provérbios em LNOA-
- Kikongo.

5.4. Para uma avaliação da proposta

Na fase da elaboração do PP, surgiram as dúvidas: se o projecto dará certo e se podemos mantê-lo? Por outro lado, na elaboração do PP e das SD tivemos em conta os outros grupos

étnicos de Angola. O PP e as SD, aqui apresentados, podem servir de modelo para um outro grupo étnico que pretende ensinar seus provérbios.

Actualmente, as nossas escolas enfrentam muitos desafios. Por isso, surgem os projectos institucionais para solucioná-los. Cada escola, que abraçar este projecto, precisa ter um cronograma definido prevendo que os responsáveis registem periodicamente se as etapas em curso foram bem-sucedidas. Com este acompanhamento, fica mais fácil identificar os pontos que precisam ser revistos.

CONCLUSÃO

Este trabalho apresentou trinta provérbios em kikongo de rituais de óbitos, assim como as traduções e as circunstâncias do uso dos mesmos. Ao longo das nossas investigações, notámos que alguns destes provérbios, para além de assuntos de óbitos, também podem ser usados para tratarem de assuntos de alambamentos, problemas conjugais e outros.

A metodologia usada para a elaboração deste trabalho cumpriu na íntegra com os objectivos por nós traçados.

Os dados da entrevista e do inquérito levou-nos a comprovar a hipóteses levantada. Os resultados dos mesmos evidenciaram que, em Angola, no Bairro Palanca e não só, a prática da literatura de transmissão oral em LNOA (no seio familiar e/ ou em sala de aula/ escola), de modo específico os provérbios, não é transmitida e/ ou ensinada às novas gerações e as novas gerações não se interessam em aprendê-la.

É importante referir que consultámos (por meio de conversa informal) cinco professores do EP³¹, com vista à confirmação das afirmações dos jovens “não é ensinada os provérbios em LNOA em sala de aula, no EP”. Os professores confirmam a afirmação dos jovens. Por outro lado, quanto a um projecto que versa sobre o ensino dos mesmos e a importância que têm na resolução de diversos problemas dentro de um determinado grupo étnico, os professores afirmaram que nada sabem sobre isto, talvez será concretizado com a implementação das línguas nacionais no EP.

Por outro lado, identificámos que os óbitos dos bakongo ocorrem durante três cerimónias fúnebres: do velório, do funeral e do término do óbito. Em cada uma destas cerimónias, faz-se recurso a provérbios, com vista a esclarecer um determinado assunto ou a convencer uma determinada pessoa a tomar um determinado comportamento. Nestes óbitos observados (assistidos), identificámos alguns problemas culturais. Os mesmos foram-nos esclarecidos pelos nossos informantes. O esclarecimento dado levou-nos a compreender que são alguns procedimentos culturais a serem cumpridos.

³¹ Neste trabalho, quanto a esta questão, não apresentámos os dados desta conversa. Na elaboração do relatório final (manual) do Curso de Nivelamento de Língua - Cultura kikongo e Literatura de transmissão Oral, apresentaremos resultados do inquérito que faremos aos professores. Neste inquérito, umas das questões cingirá neste assunto.

Além dos problemas culturais, identificámos problemas linguísticos a nível morfosintáctico, semântico e fonético dentro do grupo em estudo.

Na análise feita aos ``Manuais do Ensino Primário'', constatámos que não existe um manual específico ou um projecto que versa ao ensino-aprendizagem dos géneros de literatura de transmissão oral em LNOA, apesar que há um projecto em curso do Governo sobre inserção das línguas nacionais no EP. Este facto levou-nos a elaborar o PP denominado *PROBEA - Provérbios Bakongo: Ensino e Aprendizagem*.

Na verdade, o que aqui procurámos apresentar é, portanto, o princípio de um trabalho mais extenso. Pelo que esperamos, em conjunto com outros investigadores e estudantes, tomarmos, a peito, esta nobre missão de estudar as aplicações de provérbios em vários contextos das nossas manifestações culturais e não só. Deste modo, sugerimos que:

- Fazer uma aproximação aos provérbios imediatamente a partir do nível de iniciação, integrando-os paulatinamente nas nossas aulas, para, posteriormente, em níveis mais avançados, proceder a um estudo mais aprofundado;

- Nas escolas e/ ou instituições de ensino, promover seminários e palestras sobre o estudo de provérbios e de outros géneros de literatura de transmissão oral;

- Encorajar os estudantes do Curso de Língua e Literaturas em Língua Portuguesa a estudarem temáticas que se relacionem aos provérbios, fundamentalmente o papel que os mesmos desempenham na resolução de conflitos nas comunidades angolanas, bem como das suas potencialidades didácticas.

BIBLIOGRAFIA

ALTUNA, R. A. (1993). *Cultura Tradicional Bantu*. 2ª. Edição, Luanda: Secretariado Arquidiocesano da Pastoral.

_____. (2006). *Cultura tradicional Bantu*. Portugal: Edições Paulinas.

ANTÓNIO, D. (199?). *Provérbios em Kikongo*. Uíge: Gráfica Lux.

BAGÃO, M. T. de S. (2007). “*Os adagiários*”, en *Dicionário Portuguesa: Inventariação e Estudo do Património Lexicográfico*. Telmo Verdelho e João Paulo Silvestre (organizadores). Aveiro: Universidade de Aveiro.

BRAVO, R. S. (2005). *Técnicas de investigación social: teoria y ejercicios*. (14ª ed.). Madrid: Editorial Paraninfo.

CAAMAÑO, M. F. R. (2001). “*Sociología de la muerte*”, en Caamaño. M. J. R. (Cord). *Temas de sociología II*. Madrid: Huerga y Fierro Editores.

CAZELATO, S. E. de O. (2003). *A Interpretação de Provérbios Equivalentes por Afásicos: um estudo enunciativo*. Dissertação apresentada no Instituto de Estudos da Linguagem da Universal Estadual de Campinas para obtenção de grau de mestre em Linguística.

CHAMBUMBA, V, D (2015). *Terminologia da lexicologia e áreas afins no contexto de ensino angolano: proposta de dicionário terminológico*. Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Terminologia e Gestão da Informação de Especialidade. Lisboa: FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

COMBARROS, M. (2000). *Dios en Africa: valores de la tradición bantú*. (3ª ed.). Madrid: Editorial Mundo Negro.

CONSELHO DA EUROPA (2001): Quadro europeu comum de referência para as línguas - aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições ASA.

CONSELHO DE MINISTROS (2001). *Estratégia Integrada Para a Melhoria do Sistema de Educação 2001 a 2015*. Luanda. Disponível em: <http://planipolis>.

ieep.unesco.org/upload/Angola/Angola_Estrategia_Integrada_Melhoria. pdf, Data de consulta: 11/09/2017

CRISTÔVÃO, F. (Dir. Coord.), Maria Amorim, Maria Marques, e Suzana Moita (org.) (2005). *Dicionário Temático da Lusofonia*. Lisboa, Texto Editores, Lda.

CUNHA, X. (2003). *A Compreensão do Provérbio em Contexto Didático*. Lisboa: Faculdade de Letras.

DE CARVALHO, F. et alli. (2007). *Língua Portuguesa 4ª classe*. Luanda: Editora Escolar.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea. (2001). Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.

DOLZ, J. et alli. (2004). *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: ROXO, R.; CORDEIRO, G. S. (Org.). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.

DUARTE, H. V. (2006). *Provérbios segundo José Saramago*. Lisboa: Edições Colibri.

DUARTE, T. de O. (2013). *Cinco Unidades Didáticas com Provérbios: A Produtividade dos Provérbios na Síntese e Memorização de Conhecimento*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

FERNANDES, A. (2006). *Religiosidade e os processos de integração na escola: um estudo comparativo de caso em Luanda entre duas escolas - uma pública e outra religiosa*. Monografia de Licenciatura. Luanda: Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto.

FERNÁNDEZ, M. (2011). *Estrutura social: teoria y recursos didáticos*. Madrid: OMM Editorial.

FERNÁNDEZ, V. R e BUESO, F. I. (1998): “*Cómo, cuándo y dónde enseñar las “Expresiones Fijas”?* *Práctica en el aula*”, in *Actas del IX Congreso Internacional ASELE*, pp. 363-369. Disponível em http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/ Data de consulta: 11/09/2017.

FERNANDO, B. (2012). *A Fauna e as Finalidades Didáticas em Alguns Provérbios Bakongo*. 1ª Ed., Luanda: INIC.

FERNANDO, J. e NTONDO, Z. (2002). *Angola: Povos e Línguas*. Luanda: Editorial Nzila.

FERRAZ, A. P. (2006). *A inovação lexical e a dimensão social da língua*. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (org.) *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras.

FERREIRA, H. M. e VIEIRA, M. S. de P. (2013). *O trabalho como género provérbio em sala de aula*. Revista Línguas e Letras-Uni oeste-vol. 14, primeiro semestre.

FIGUEIREDO, G. R. (2012). *O Género Proverbial na Imprensa: Usos e Funções Retóricas*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Linguística. Recife-PE: Universidade Federal de Pernambuco.

FILHO, J. C. P. *Educação brasileira no período 1960-2000*. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/108/3/01d06t06.pdf>. 2000. acesso aos 22. 03. 2018.

FONSECA, A. (1985). *Sobre os Kikongos (Bakongo) de Angola*. Luanda. UEA.

_____. (1996). *Contribuição ao Estudo da Literatura Oral Angolana*. Luanda: INALD.

FORBATH, P. (1977). *El río Congo: descubrimiento, exploración y explotación del río más dramático de la tierra*. (Esther Muñiz, trad.). Madrid: Turner Publicaciones e Fondo de Cultura Económico.

Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2015), Rio de Janeiro, Círculo de Leitores.

[Http://portaldoprofessor.mec.gov.br](http://portaldoprofessor.mec.gov.br) consultado aos 21 de Março de 2017 às 19: 50.

ISAÍAS A. F. (2013). *A Monodocência na 5.ª e 6.ª classes do Ensino Primário em Angola: a visão dos professores*. Dissertação. Évora.

JORNAL DE ANGOLA do dia 9 de Novembro de 2011.

KISADILA, D. (2004). *A concepção da morte e suas implicações sociais nos Bakongos de Angola*. Monografia de Licenciatura. Luanda: Instituto Superior de Ciências da Educação da Universidade Agostinho Neto.

KUNZIKA, E. (2009). *Dicionário de Provérbios Kikongo*. Luanda: Editorial Nzila.

KRECH, D. e CRUTCHFIELD, R. S. (1963). *Elementos de psicologia*. Vol. I. (Dante erbio.com/DPbooks/Lauand/1.htm. Acesso em: 05 jan. 2014.

LAUAND, J. (2000). *Provérbios e educação moral – a filosofia da educação de Tomás de Aquino e a Pedagogia do Mathal*. Disponível em: <http://www.deproverbio.com/DPbooks>. Data de consulta: 07 /08/2017.

LEAL, S.M. (2012). *O Português no Ensino Secundário: transformações, tensões e dinâmicas de apropriação e recontextualização curricular*. Coleção Educação e Formação. Porto: Porto Editora.

Lei de Bases do Sistema de Educação – LBSE (2001). Luanda. Ministério da Educação.

Lei Constitucional da República de Angola (2010). Luanda. República de Angola.

LESSARD-HÉBERT, M. et alli. (2008). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

LISIMBA, M. (1999). *Les Proverbes dans Kongo Proverbs and the Origins of Bantu Wisdom*. CICIBA.

LOPES, A. C. M. (1992). *Texto proverbial português. Contributo para uma análise semântica e pragmática*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

_____. (1995). *Da ambivalência do texto proverbial*. Discursos.

LÓPEZ, J. L. C. (2006). *Pueblos e culturas de África: etnohistórico, mito y sociedad*. Madrid: Editorial Mundo Negro.

LOSADA, J. L. e ANGUERA, M. T. (2013). “*La observación científica*”, en Sarabia- Sánchez, F. J. (Coord.). *Métodos de investigación social y de la empresa*. Madrid: Ediciones Pirámide, pp. 601-620.

MADEIRA, C. M. (s/d). *Educação Moral e Cívica: Eu e os Outros Construimos uma Sociedade Melhor*. Luanda: Plural Editores.

MAHANIAH, K. (1980). *La mort das la pensée Kongo. Kinsantu*: Ed. Centre de Vulgarization Agrícola.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. (2003). *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª Ed. São Paulo: Editora Atlas.

MARINOVIĆ, A. (2012), *Usos e funções dos provérbios inseridos na poesia popular portuguesa e brasileira*. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p. 7-19, nov.

MARTINS, P. (2010). *Do Provérbio em Contexto Didático: Proposta de Trabalho*. Universidade de Siena (Itália), Paremia. Pp. 95-104.

M'BEMBA-NDOUMBA, G. (2006). *Les bakongo et la pratique de sorcellerie: ordre ou désordre social*. Paris: L'Harmattan.

MBITI, J. S. (1970). *Concepts of God in Africa*. London: S.P.C.K.

_____. (1991). *Entre el Dios y el tiempo: religiones tradicionales africanas*. (José Carlos Rodríguez, trad.). Madrid: Editorial Mundo Negro.

MED. (2001). *Estratégia Integrada para a Melhoria do Sistema de Educação*. Ministério da Educação e Cultura, Ministério do Planeamento e Secretariado do Conselho de Ministros. Luanda: Ministério da Educação e Cultura.

MED (2003). *Caracterização Global do Contexto Angolano e Respectivo Sistema Educativo*. Reforma Curricular. Luanda. S.A.

_____.INIDE. *Informação sobre a Implementação do Novo Sistema de Educação*. Ministério da Educação e Cultura. 2004.

- MELO, L. j. M. (2002). *Os textos tradicionais na aula de português: os provérbios*. Coimbra: Almedina.
- MEULENYZER, P. (1925). *Chez les bakongo*. Belgique: Xaveriana
- MIEDEZ, J. S. e Álvarez, C. A. C. (2013). *Las Paremias y su Clasificación. Paremias*. Pp. 105-114.
- MIGUEL, M. H. (2001). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. Luanda: Editorial Nzila.
- MIRANDA, A. B. (s.d). *A morte do outro como mercado. Artigo não publicado*. Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, Luanda.
- MONTEIRO, D. H. (2007). *A Canção festiva e funerária em kikongo: estudo temático*. Monografia de Licenciatura. Luanda: Faculdade de Letras e Ciências Sociais da UAN.
- MORIN, E. (1985). *O homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- MORAIS, A. S. (1994). *O Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluências.
- MOTA, V. B. da. (1974). *Provérbios em Goiás-Contribuições à Paremiologia Brasileira*. Oriente: Goiânia.
- MUNOZ, J. S. e FUENTE, M^a. T. B. de la. (2004). *Valor Didáctico del Refrán*. Universidad Complutense de Madrid.
- NDONGALA, A. (2009). *La conception chrétienne de la mort*. Monografia de Licenciatura, Faculté de Lettres et Sciences Humaines de l'Université de Kinshasa, Kinshasa.
- NÓBREGA, M. A. (2008). *Quando os provérbios dão a manchete: a oralidade no texto escrito jornalístico – o caso Jornal da Tarde* (tese de doutoramento), São Paulo: Universidade de São Paulo.

NZAU, D. (2011). *A Língua Portuguesa em Angola. Um Contributo para o Estudo da sua Nacionalização*. Dissertação de Doutoramento em Letras. Covilhã: Universidade da Beira Interior.

NZAU, D. e SARDINHA, M. G. (2002). *Multilinguismo e Direitos Linguísticos: O Direito à Diversidade Linguística (O caso de Angola)*. Luanda

OLIVEIRA, A. C. de. (2010). *A Literatura Angolana Tradicional e a sua Recolha*. Artigo publicado em “MAKA – Revista de Literatura & Artes, UEA – Ano 1, Vol. 1, n.º 1.

OLIVEIRA, J. H. B. de. (1998). *Viver a morte: abordagem antropológica e psicológica*. Coimbra: Livraria Almedina.

ORVERDOSA, C. R. (1985). *Roteiro da Literatura Angolana*. 3ª edição, Luanda: Ediciones Cubanas.

PARAFITA, A. (1999). *A Comunicação e a Literatura Popular. Um estudo sobre a Literatura Popular de Tradição Oral em Trás-os-Montes e Alto Douro*. Lisboa: Plano Editora.

PARAFITA, A. e FERNADES, I. (2007). *Os provérbios e a cultura popular*. Serzedo VNG: Gailivro.

PEREIRA, M. E. C. (2000). *O papel dos adágios na vida e na língua de uma comunidade linguística*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

PEREIRA, L. N. N. (1999). *Os regressados na cidade de Luanda: um estudo sobre identidade étnica e nacional em Angola*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. (2008). *Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda*. Serviço de Comunicação Social, Produção Acadêmica Premiada, Universidade de São Paulo.

PINTO, M.O. (2003). “*Estatuto e Funções do Manual Escolar*”. Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681-5653).

POTH, J. (1978). *Langues nationales et formation de maitres en Afrique*. UNESCO.

QUIALA, M. B. (1998). *Ingana ye mvovo mya Bakongo* (Provérbios e máximas dos Bakongo). Coleção A Letra nº 13, Luanda: INALD.

_____. (2013). *Longoka Kikongo* (Aprenda Kikongo). Luanda: Mayamba Editora.

QUIVUNA, M. (2013). *Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em Português Língua não Materna*. Estudo de caso: Escola do 2º ciclo da cidade do Wizi. Tese de Doutoramento em Linguística Área de especialização: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

RADULESCU, A. (2013). *Pourquoi est-il Difficile de Traduire les Proverbes? (application sur les parémies roumaines formées avec le mot drac (diable))*. Université de Craiova, Roumanie.

ROSENBLATT, P. C. (2003). “O luto em sociedades de pequena escala”, em PARKES, C.M., LAUNGANI, P. e YOUNG, B. (Cord.). *Morte e luto através das culturas*. (Jorge Barata, trad.). Lisboa: CLIMEPSI Editores.

SAKUKUMA, A. (2012). *Análise Crítica do Programa da Reforma Educativa para o Ensino do Português LS na 7ª classe em Angola. Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua segunda /Língua Estrangeira*. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

SANTOS, A. P. G. (2012). *Análise da Escolha Lexical no Estudo de Provérbio em LDP*. Universidade Federal de Minas Gerais. Anais do SIELP. Volume 2, número 1, Uberlândia: EDUFU.

_____. (2013). *O lugar dos provérbios no ensino da Língua Portuguesa: Uma análise do livro didático de Português do Ensino Fundamental II*. TFC, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.

_____. (s/d) *Estudo do Léxico em Sala de Aula: Analisando os Implícitos nos Provérbios*. POSLIN/UFMG.

SANTOS, C. dos. (1980). *Provérbios: “A Voz do Povo” E Intertexto das Literaturas Africanas*. Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL-ISSN.

- SARAIVA, M. C. (1998). *Rituais Funerários em Cabo-Verde: Permanência e Inovação*. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, n.º 12, Lisboa: Edições Colibri. Pp. 121-156.
- SERENO, M. H. S. (2002). *Provérbios e ironia na narrativa de José Saramago*, in Actas do encontro comemorativo dos 25 anos do centro de Linguística da Universidade do Porto, vol. 2, pp. 83-97. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7175>. Data de consulta: 07/08/2017
- SCHNEUWLY, B. e DOLZ, J. e colaboradores/Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro (2004). *Géneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado das Letras.
- SILVA, N. (2011). *Nganas-Provérbios*. In Portal da Damba e da História do Kongo, Artigo publicado por Muana Damba a 25 de Agosto.
- SILVA, R. S da (2009). *Boaventura Cardoso um (re) inventor de palavras e tradições*. Rio de Janeiro, Arquimedes Edições.
- SOUSA, F. e Undolo, M. (2013). *Provérbios de Angola - a perspicácia do espírito dos Tucokwe*. Lunda-Sul: Lueji Editora.
- STEINBERG, M. (1985). *1001 Provérbios em Contraste*. São Paulo: Editora Ática.
- STENSTROM, O. (1999). *Proverbs des Bakongo*. Kinshasa: UPPSALA et KIMPENSE.
- TADI, F. N. k. (2012). *Eloquência: manual de aprendizagem da elequência através de provérbios kikongo*. Luanda: Editora Mayamba.
- TAYLOR, A. (1931). *The Proverb*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press.
- TECA, A. (2015). *Concepção e Representação Social da Morte no Grupo Étnico Kongo*. Tesis Doctoral Leída en la Universidad Rey Juan Carlos de Madrid.
- THOMAS, L. V. (2000). *Les chairs de la mort*. Paris: Institut D'édition Safoni.
- UNDOLO, M. (2016). *A Norma do Português em Angola: subsídios para o seu estudo*. ESPB-Caxito.

VAN WING, R. P. (1921). *Études bakongo: histoire et sociologie*. Bruxelles: Éditeur GOEMAERE, Imprimeur du Roi.

VELLASCO, A. M. de M. S. (2000). *Padrões do uso de provérbios na sociedade brasileira*. In Cadernos de Linguagem e Sociedade, vol. 4, pp. 122-160. Disponível em <http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/view/1295/949>. Data de consulta: 07/08/2017.

VIDIGAL, L. (1994). “*Leitura e manuais escolares em Portugal na 1.ª metade do século XX. Intercompreensão*”. Santarém: Escola Superior de Educação.

VIEIRA, M.A.F.C.L. (2011). *Construções da Identidade na Ficção de Luandino, Pepetela e Agualusa. Literatura Comparada*. Tese de doutoramento em Estudos Literários, Literatura Comparada. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.

VILELA, M. (2002). *Metáforas do nosso tempo*. Coimbra: Almedina.

VITORINO, C. C. (2014). *Provérbios Cabinda em Tampas de Panelas: Uma análise a partir da Psicolinguística da leitura e da Teoria dos Espaços Mentais*. Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em Convênio com a Universidade do Estado da Bahia, Porto Alegre.

VYGOTSKI, Lev Semenovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. (1999). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1982). *Obras escolhidas: problemas de psicologia geral*. Madrid: Gráficas Rogar.

_____. (200). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

WHITING, B. J. (1932): *The Nature of the Proverb*. HSNPhL, 14, 273-307.

XATARA, C. M. e Succi, T. M. (2008). *Revisitando o conceito de provérbio*. Juiz de Fora: Veredas on line Atemática.

XATARA, C. M. e Oliveira, W. L. (2002). *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavrões: francês-português / português-francês*. São Paulo: Cultura.

APÊNDICES

Apêndice I- Ficha de recolha de provérbios

Nome:

Idade:

Natural de:

Recolhido por _____, aos ____ de _____, em (nome da localidade) _____

Nº de ordem	Provérbios em kikongo	Tradução para o português	Interpretação	Circunstância de uso

Apêndice II- Guião da entrevista

Nome:

Idade:

Naturalidade:

Província:

Ocupação/Profissão:

Morada:

Questionário

1. O que são provérbios na cultura bakongo?

2. Tens ensinando-os aos seus filhos?

3. Tem sido porta-voz nos óbitos dos Bakongo?

a) Não _____

b) Sim ____ A quanto tempo? _____

4. Por que os bakongo usam os provérbios em rituais de óbitos?

a) Qual é a língua usada quando se faz o uso de provérbios nesses rituais?

5. Durante este mês, o senhor poderá ser capaz de preencher esta ficha?

Apêndice III - Questionário do inquérito

Inquérito

Idade_____ anos

Sexo Mas () Fem. ()

Naturalidade/ província:

Município:

Província dos seus pais: _____

1- A quanto tempo moras no Palanca?___ anos

2- Falas kikongo?

Sim () Com quem ou onde aprendeu? Pais (), tios (), avós (), no ambiente familiar (), na sua comunidade (), na escola ()

Não () Não me foi ensinado (), não é praticado no ambiente familiar (), não me interessa em aprendê-lo ()

3- Tens acompanhado os óbitos dos bakongo no Palanca?

Sim ()

Não ()

4- Tens participado em rituais de resolução de problemas de óbitos?

Não () acho é para os mais velhos (), não entendo nada que lá é tratado (), só se fala kikongo ()

Sim () 4.1. Tens o domínio dos provérbios usados em rituais de óbitos?

Sim () faz parte da minha cultura (), os mais velhos da minha família incentivam-me ().

Não () Não me foi ensinado (), não é praticado no ambiente familiar (), não me interesse em aprendê-lo ()

5- Quando frequentou o ensino primário, os seus professores falaram de provérbios?

Não ()

Não recordo ()

Sim () Em que classe?_____

Em que disciplina?_____

Os provérbios ensinados eram em:

Português ()

Numa língua Bantu () Qual?_____

6. Durante este mês, poderás ser capaz de preencher esta ficha?

Apêndice IV- Plano analítico

Escola:

Classe:

Disciplina:

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAL	TEMPO
-Variação e normalização linguística.	<ul style="list-style-type: none"> - Reflectir sobre as variações da língua no decorrer do tempo; - Valorizar as diferenças culturais e linguísticas; - Usar a língua com autonomia e sem preconceitos 	<ul style="list-style-type: none"> -Exibição dos áudios e vídeos: <ul style="list-style-type: none"> •Áudio musical da Ary, vídeos do grupo teatral “Os Tunezas” e do humorista Cotingo •Organização de roda de conversa sobre as obras vistas e ouvidas; •caracterizar os diversos falarem. - Aceitação do português não padrão. 	<ul style="list-style-type: none"> - Da Comunicação à Expressão-Gramática Prática de Português - Data show 	4 Lições
- Do Kikongo ao Português - uma abordagem contrastiva.	-Descrever os elementos gramaticais do kikongo em comparação os de português.	-Exposição de conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> - Manual: Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em PLNM - Textos de apoio 	2 Lições

<p>- Interferência do kikongo no português:</p> <ul style="list-style-type: none"> •Nível morfosintático; •Nível semântico; •Nível Fonético. 	<p>Identificar as interferências;</p> <p>- Descrever como e porque ocorrem</p>	<p>- Método expositivo e explicativo;</p> <p>- Elaboração conjunta</p>	<p>- Manual: Lexicologia Aplicada ao Ensino do Léxico em PLNM</p> <p>- Textos de apoio</p>	<p>4 Lições</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------

Apêndice V- Ficha de inscrição



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
ESCOLA PRIMÁRIA _____

Curso de Língua e Cultura Kikongo

Ficha de inscrição

Nome _____ filho de _____ e de _____

_____ Natural de _____ nascido aos ___/___/___

Classe _____

Fala o kikongo? Não ___ Sim ___

Caso fale uma outra língua nacional, mencione-a _____

Vive com os pais (); pai (); mãe (); tios (); avós () e outros ()

Qual é origem (provincia) dos pais/ encarregados? _____

Em casa, os pais/ encarregados de educação falam o Kikongo? Não ___ Sim ___

Qual é membro da família mais próxima que fala o kikongo? _____

Se no ambiente falar falam uma outra língua nacional, mencione-a _____

Data (Local, dia e ano)

Assinatura do membro do projecto

Assinatura do encarregado

Obs: Anexar a cópia certidão de nascimento ou da cédula pessoal e duas fotografias.

Apêndice VI– Grelha de observação das aulas

Grelha de observação da aula

Escola _____

Classe _____

Assunto da aula _____

Data ____/____/____

Formador _____

Indicador a observar	Análise dos aspectos da aula				
	Muito Bom	Bom	Suficiente	Medíocre	Mau
1- Motivação					
- Conteúdo e sua relação com assunto.					
- Método utilizado e sua relação com o momento da aula.					
- Tipo de participação (voluntária ou imposta).					
2- Desenvolvimento					
- Apresentação do assunto da aula.					
- O domínio do conteúdo ministrado.					
- O trabalho em torno dos objectivos.					
- A adequação dos objectivos, conteúdo, actividades e recursos de ensino.					
- Interacção professor/ aluno, aluno/ aluno.					
- Adequação da linguagem didáctica.					
3- Consolidação e / ou controlo e avaliação					
- Actividade realizada e sua relação com a etapa do processo de ensino, com os objectivos, conteúdos e métodos.					
- A participação do aluno.					
- Os recursos de ensino utilizados e sua adequação.					
- Adequação das técnicas e instrumentos de avaliação ao momento da aula.					
- Conteúdo avaliado e sua relação com os objectivos.					

Outras considerações: a gestão do tempo, a postura do professor e outros fenómenos podem ocorrer durante a aula, como por exemplo, a relação do que foi planificado e o que foi realizado na aula.